

Recortes de Imprensa

Abril 2009

apoio

LPM
COMUNICACÃO



ÚLTIMA HORA

MAIA: "NA GARAGEM DA VIZINHA", ARTE CONTEMPORÂNEA DE 8 A 17 DE MAIO

2009-04-30 10:07:16 - Press CM Maia



"Na Garagem da Vizinha", de 8 a 17 de Maio, na Maia.

Serão nove jovens promessas do panorama das Artes em Portugal, de braço dado com alguns dos principais e consagrados valores da Arte Contemporânea portuguesa, como João Carqueijero, Rui Anahory ou Henrique Silva, juntos num só espaço, uma antiga oficina de automóveis, no centro da Maia. Serão nove dias em cheio onde o público pode visualizar os principais trabalhos destes artistas e deixar-se levar por toda a animação adjacente: música,

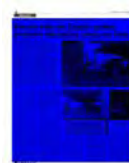
teatro, workshops, etc.

A Garagem da Vizinha abre as hostilidades no dia 8 de Maio de 2009 contando com a presença de, entre outros: André Alves, André Silva, Dalila Gonçalves, Daniel Gamelas, Inês Gama, Maria Sottomayor, Renata Carneiro e Mazza.

A Garagem da Vizinha é a primeira feira de arte contemporânea do género realizada em Portugal, seguindo uma tendência internacional e que pretende ser uma montra do que de melhor se faz nesta área. Um evento a não perder, organizado pela jovem promessa da Arte Contemporânea, MAZZA.

Parte substancial da receita do evento reverte para a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima).

A Câmara Municipal da Maia apoia este evento.



OBJECTIVO É COMBATER VIOLÊNCIA ESCOLAR E DAR RESPOSTA

Escola Inês de Castro acolhe projecto educativo único no País

Fizeram perguntas, por escrito, e colocaram-nas numa caixa de cartão. Não as assinaram. Não se identificaram. Mas viram as suas dúvidas resolutas e, esse, era o objectivo. De outra forma nunca as teriam colocado. De outra forma, o programa "4D", implementado na Escola Inês de Castro, em Canidelo, nunca teria resultado. Nunca os professores ou os pais souberam que aquelas dúvidas foram colocadas pelo José Pedro, pela Rita ou por qualquer um dos colegas de turma. Fizeram questões sobre sexualidade na adolescência. As respostas, essas, foram dadas pelo professor de Área de Projecto, Nuno Sá, em parceria com as técnicas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Por Cristiana Maia

"Nas aulas não temos problemas em falar daquilo que queremos e respondem-nos sempre às dúvidas. Por isso é bom" conta a Rita, ao início envergonhada, mas depois adoptando a postura que o professor já reconhece ser como "a habitual". É uma das alunas que mais comunica nas aulas que integram o 4D, o programa pioneiro no país que a APAV, em parceria com a Associação para o Planeamento da Família e do Instituto para a Droga e Toxicod dependência implementou, este ano, na escola-piloto em Canidelo. A Rita confessa que não tem por hábito falar com os pais dos temas que aborda nas aulas, mas "se fosse necessário" tocar em assuntos como o da sexualidade acha "que não tinha vergonha de falar". E o caso da Rita até nem é único: "Contrariamente àquilo que se possa pensar, alguns adolescentes procuram os pais para esclarecer questões", afirma Rosa Saavedra, a gestora do projecto que abrange cinco turmas do nono ano da Escola Secundária Inês de Castro. José Pedro, o colega de turma, é mais resistente e limita as respostas a atirar "sins" e "nãos" repentinos. Tem, no entanto, certeza de que jamais falaria em casa sobre o tema: "Não tenho à vontade", diz. O professor de Área de Projecto, Nuno Sá, garante que José Pedro é um dos

alunos que coloca questões mais pertinentes e que, com certeza, deverá fazer parte do rol daqueles que fazem do projecto a solução a muitas dúvidas que, se assim, não fosse, jamais mereceriam resposta. "Muitos alunos têm dúvidas que não as podem fazer em casa e fazem-nas cá. O mais gratificante para nós é podermos responder-lhes e informá-los sobre essas questões", afirma o professor.

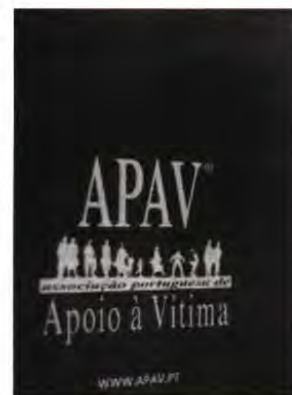
"Crescimento e sexualidade saudáveis" é apenas um dos quatro módulos que integram o 4D, "Relacionamentos saudáveis", "consumo e abuso de substâncias" e "igualdade de género" são os restantes temas que compõem o projecto e que, em conjunto, pretendem corresponder ao objectivo da APAV de "prevenir a violência em contexto escolar". Quem o diz é Rosa Saavedra, para quem faz todo o sentido "trabalhar comportamentos de risco que estão associados à adolescência". E trabalhá-los nesta fase da vida parece ser mesmo a melhor altura: "Aquilo que eles pensam hoje enquanto adolescentes será seguramente diferente daquilo que pensarão no 10º ou 11º ano. Os comportamentos que eles estão nesta fase a modelar e a adquirir irão sedimentá-los mais à frente enquanto adultos. É importante trabalhá-los aqui, num momento em que os pares, os amigos, têm um papel fundamental naquilo que eles fazem, nas opções



"Crescimento e sexualidade saudáveis" é apenas um dos quatro módulos que integram o 4D, "Relacionamentos saudáveis", "consumo e abuso de substâncias" e "igualdade de género" são os restantes temas que compõem o projecto

que tomam, nos comportamentos que adoptam", considera. Por outro lado, parece comprovado que "é entre os 13 e os 15 anos que os jovens iniciam a sua actividade sexual", pelo que trabalhar antes ou depois os conceitos e atitudes de risco face à sexualidade, tal como às drogas, seria despropositado. No fundo, parece tratar-se tudo de uma espera pela "maturidade" e pela preparação dos jovens para a abordagem aos temas.

Nuno Sá diz-se até "surpreendido pela maturidade com que algumas questões foram colocadas", ainda que Rosa Saavedra reconheça que algumas das perguntas surpreendem pelo carácter quase "básico": "Há dúvidas que, de alguma forma, as componentes curriculares, como as Ciências, já deviam ter respondido. Algumas dessas dúvidas surgem e parece-nos a nós que poderia haver um maior investimento curricular nessas questões ainda nesta altura".



Inês de Castro é Território Educativo de Intervenção Prioritária

Nem todas as tarefas parecem ter sido fáceis nos tempos que antecederam a integração do projecto da APAV em contexto escolar. Em primeiro lugar, a necessidade de uma escola em que a aceitação e os resultados do programa fossem enquadrados encontrou na Secundária Inês de Castro "um conjunto de turmas de nono ano elevado", que se revelou "apelativo" à associação promotora, explica a gestora do projecto. Por outro lado, também os profissionais de serviço de apoio especializado de acção educativa e o conselho executivo pareceram aceitar de forma positiva o projecto, considerando-

01-04-2009

Tiragem: 10000

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Regional

Pág: 5

Cores: Preto e Branco

Área: 10,60 x 31,14 cm²

Corte: 2 de 3



o "um bom investimento para a escola", acrescenta Rosa Saavedra.

O facto de a Escola Secundária Inês de Castro ser um Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP) nunca foi encarado como um "rótulo negativo mas como uma vantagem e como uma possibilidade de terem um conjunto de recursos que não teriam se não fossem uma escola TEIP", explica ainda a responsável da APAV.

Finalmente, a escolha dos professores para leccionar as componentes do 4D também não foi, de todo, uma decisão simples. Embora a intenção da APAV fosse a de proceder a uma selecção estrita dos docentes porque, como explica Rosa Saavedra, "nem todas as pessoas reúnem competências para a implementação do projecto", o arranque do programa já após o início das aulas acabou por impedir que a selecção se processasse. Assim, o grande desafio da associação foi encontrar "professores para quem os conteúdos não fossem absolutamente estranhos e que se sentissem à vontade para trabalhar com os alunos". Esta foi uma das vertentes que tomou o projecto inovador e que se uniu ao trabalho das competências em contexto de sala de aula "reportando a ideia de que, assim como a Matemática, o Inglês e o Português podem ser aprendidos em contexto de sala de aula, também as competências de relacionamento o podem", ilustra Rosa Saavedra. A coordenadora pedagógica do projecto, Isabel Silva, insiste na importância e no empenho dos docentes na preparação dos temas.

Na perspectiva dos docentes, o professor de Tecnologias da Informação e Comunicação e também de Área de Projecto – disciplina onde se integra o 4D – Nuno Sá reconhece na escola "um papel cada vez mais de formar e não só de ensinar os alunos". E já que os comportamentos não podem ser evitados, pelo menos que sejam seguidos com consciência: "Este projecto dá-lhes informação. Já que eles têm esses comportamentos, ao menos que sejam informados sobre isso", afirma. E para as perguntas mais embaraçosas e mesmo vulgares que lhe são colocadas, o docente até tem explicação: "Quer nós queiramos quer não, estes temas ainda são um pouco tabus na sociedade e os alunos não têm à vontade

suficiente para falarem sobre estes assuntos". Por isso, na sua disciplina e durante o módulo "crescimento e sexualidade saudáveis", Nuno Sá optou por criar "a caixa" onde os alunos colocavam questões anonimamente.

No fundo, leccionar o 4D acaba por não ser tarefa fácil: "São aulas totalmente diferentes das que estão presentes. Não são tão expositivas e há uma enorme participação dos alunos porque a nós interessa-nos que eles coloquem as suas dúvidas e nos contem algumas das suas experiências", explica Nuno Sá. "São aulas onde há mais ruído. Se calhar por isso é que, para nós professores, não foi tão fácil no início", acrescenta o docente.

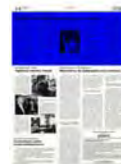
Concurso Nacional no final do ano

"Às vezes apercebemo-nos de que afinal os nossos comportamentos são um pouco violentos. Às vezes as pessoas não têm noção de que estão a ser violentas", explica Rita à medida que a vergonha vai fugindo e a conversa começa a revelar contornos mais sérios. José Pedro concorda mas acaba por admitir que a violência é mais característica dos rapazes da sua idade.

Os alunos acabam por afirmar que conhecem casos de colegas de escola que tiveram reacções violentas para com outros colegas. Para consciencializar para a necessidade de evitar esse tipo de comportamentos, a turma de Nuno Sá foi convidada a aceitar o desafio de uma campanha contra a violência doméstica e nas relações de namoro. As exigências eram poucas mas a imaginação dos mais novos acabou por falar por si e dar origem a panfletos, t-shirts, quadros ou lápis que foram, posteriormente, distribuídos pelos colegas de escola.

A Rita conta que "os colegas reagiram bem" aos trabalhos realizados pela turma mas o professor Nuno Sá vai mais longe e explica que esses materiais serão levados a um concurso nacional dinamizado pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. No fundo, para Rosa Saavedra, "é uma forma de alertar para a denúncia e poder colocar um ponto final em algumas situações".

Para a Rita, até "foi divertido" preparar todo o material que, no final do ano lectivo, será avaliado em concurso nacional.



APROVEITAR AS NOVAS TECNOLOGIAS

Violência Doméstica debatida pela TV (Viseu)

Realizou-se, na semana passada, uma conferência sobre 'Violência Doméstica', promovida pela Assembleia Municipal de Viseu, que contou com o contributo autorizado do Bispo de Viseu, D. Ilídio Pinto Leandro, e Elza Pais, Presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, para além da participação de inúmeras entidades, com destaque para um representante da APAV, Comandante da GNR e PSP, entre outros.

O tema, como adiantou o Presidente da Assembleia Municipal, António Almeida Henriques, é por demais importante. 'Muitas pessoas sofrem sozinhas, sem apoio, agregados familiares vivem os terrores da violência, muitas vezes com a passividade da sociedade', pelo que, adiantou, 'importa debater e actuar

nesta matéria, ouvir e envolver todas as comunidades que possam ajudar: Igreja, Instituições de Solidariedade Social, forças policiais, cidadãos, criando uma verdadeira REDE de acção, solidariedade e apoio'. O acontecimento foi transmitido em directo pela 'Dão TV' e pela 'Viseu TV'. O debate contou com o apoio da Escola Profissional Mariana Seixas, que instalou todo o material técnico, disponibilizou as imagens e difundiu-as através da Internet, possibilitando que um universo alargado de pessoas pudesse seguir o debate e participar nele.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA MATOU 10

Como órgão de referência na região e pelas responsabilidades

que criou perante os leitores, 'Jornal da Beira' não poderia ficar indiferente à vaga de imoralidade que grassa pelo país e também na



região, informando que, no ano passado, a violência doméstica causou 10 mortes, entre 2.312 queixas mensais, ou seja: 76 queixas/dia.

De acordo com o relatório do Ministério da Administração Interna, 47,5 % dos agressores consome habitualmente álcool e 11,6 %, estupefacientes.

No mesmo período, foram assaltadas 29.214 casas, por arrombamento, escalamento ou chaves falsas, o que dá um aumento de 33 %, face a 2007.

Aumentaram também os crimes por condução perigosa (762) e detenção por tráfego de armas (548).

ABUSOS SEXUAIS EPIDEMIA QUE ALASTRA

É uma autêntica epidemia. Os abusos sexuais aumentam de uma forma a que ninguém parece ser capaz de pôr cobro. A maior parte da responsabilidade cabe ao governo, perante os facilitismos e a brandura

das leis.

Vamos aos factos. A Polícia Judiciária abriu mais 1382 inquéritos por crimes sexuais contra menores, uma média de 83 abusos de crianças por mês, num total de 995. Foram detidos 91 sujeitos. Os dados vêm no Relatório de Segurança Interna sobre 2008.

Quase 1400 crimes de natureza sexual contra menores foram investigados em 2008. Os abusos visaram 132 adolescentes. Foram denunciadas 131 violações. Uma média de 11 casos mensais.

Apenas foram detidos 91 indivíduos, dos quais 52 por abuso sexual e 33 por violação.

O tráfego de estupefacientes continua a subir. A apreensão de haxixe aumentou 37%, a de heroína 10 por cento. Das 55 rotas de tráfico internacionais referenciadas, 24 têm Portugal como país de destino final.

Afinal em que país estamos? Qualquer dia (já acontece hoje) as pessoas têm medo de sair à rua.



ID: 24532765

03-04-2009



Violência Doméstica A Vergonha do Algarve!

Vergonhosamente para a maioria dos algarvios, o distrito de Faro, em casos registados de violência doméstica, ocupa o terceiro lugar a nível nacional, precisamente depois de Lisboa e Porto, segundo a Associação Portuguesa de Apoio à vítima.

Considerando o nível populacional do Algarve e a sua vocação turística, esta não é apenas uma situação de vergonha, como se torna muito preocupante, visto ter reflexos negativos na divulgação dos nossos usos e costumes.

Os maus hábitos antigos, ainda enraizados em camadas da população que não souberam acompanhar a evolução dos tempos, ou, de camadas jovens, em que o indivíduo do sexo masculino, por excesso de bens materiais, se está a mostrar cada vez mais violento durante o namoro, atiram-nos para esta posição vergonhosa, que é preciso acabar definitivamente.

É verdade, contra a vontade dos responsáveis, é "moda" nos namoros actuais, os rapazes baterem nas raparigas!

Chama-se a atenção dos pais, educadores e autoridades, para estarem bem atentos a este novo fenómeno, tomando as medidas adequadas para evitar que alastre, já que em muitos dos casos, elas não revelam quer em casa, quer aos professores, ficando a agressão na confiança de uma amiga.

Mas, como dizia, não se pense que esta estranha atitude

dos algarvios se circunscreve apenas em famílias de condição social modesta. A realidade mostra-nos que não é assim. A violência doméstica existe e persiste num qualquer lar algarvio, sendo ele das classes mais desfavorecidas ou com grau de cultura a nível superior, tudo dependendo do mau génio dos ofensores.

Também não é verdade que a violência só se dá quando a mulher depende do marido em termos económicos. Existem mulheres bem colocadas a nível profissional que, talvez por vergonha ou "grande" amor aos companheiros violentos, vão sofrendo todos os dias, e de várias formas, a violência doméstica, muitas com agressões físicas permanentes.

Estas mulheres, por serem mais esclarecidas e menos necessitadas, a título de exemplo, deveriam ser as primeiras a assumirem a denúncia dos seus casos, o que seria um contributo muito interessante para as autoridades irem onde nem se supõe que existe violência doméstica.

É raro o meio de comunicação social que não tem sido suficientemente esclarecedor no apoio à vítima, indicando que o primeiro passo a dar é apresentar queixa nas autoridades. Nestas coisas não há que ter preconceitos, já que os casamentos só serão para toda a vida se os conjugues se amarem, entenderem e respeitarem.

No que se refere aos casos de violência sobre os idosos, um dos maiores actos de cobardia, revela que não somos capazes de dignificar a sociedade em que vivemos. Não respeitar os idosos, sejam eles nossos pais, sogros ou avós, é ter uma enorme falta de carácter, e um agressor desta natureza é extremamente nocivo à sociedade. Temos o dever de apoiar, mas, sobretudo, de respeitar e fazer respeitar todos os idosos.

Sabemos que o consumo de drogas, nas quais se inclui o álcool, é potenciador de muitos actos violentos, mas nada há que justifique o uso e abuso da violência nos tempos actuais. As pessoas podem zangar-se sem agredir; podem fazer chamadas de atenção sem ferir; podem educar sem bater.

Nos meus tempos de criança, aqui no Algarve, lembro-me de ouvir este ditado: "*Ó marafados, precisavam era de por-*

rada... mas ela ainda torna os moços malhadiços e safados."

Um agressor nunca será um bom educador, e muito menos um elemento útil à sociedade.

Queremos que o Algarve assuma um lugar de relevo, pela positiva, nas estatísticas de violência doméstica. Urge afastar esta nódoa que nos envergonha. Por isso é que deixamos o nosso veemente apelo: pela violência não se resolvem nenhuns problemas; a conversar é que as pessoas se entendem!

A FERVER

TEXTO RUTE LOURENÇO FOTOS TIAGO SOUSA DIAS

ELSA RAPOSO

"Aprender uma lição de vida"

Depois de ter sido vítima de violência doméstica, Elsa Raposo teve de começar do zero. Sem dinheiro, trabalhou em limpezas e tratou de crianças. Hoje, é uma mulher feliz



A FERVER

Quando saiu de casa do ex-namorado Pedro Pereira depois de, alegadamente, ter sido vítima de violência doméstica, Elsa Raposo viu-se obrigada a recomeçar do zero. Aos 44 anos, com três filhos para criar e a conta bancária a roçar os limites, a actual apresentadora da rubrica 'Mulheres de 40' da TV Record, não teve outro remédio se não arregaçar as mangas e atirar-se ao trabalho. "Não tenho vergonha nenhuma de dizer que, nos dois meses em que estive a recuperar até conhecer o João [Kléber], vivi a tomar conta de crianças e a limpar a casa dos meus amigos. Precisava de dinheiro para comer e, aos 40, para uma mulher que já não trabalhava há três anos, não é fácil encontrar emprego", começa por contar Elsa, que ainda não recuperou totalmente das supostas agressões so-

"Precisava de comer e, aos 40, para uma mulher que já não trabalhava há três anos, não é fácil encontrar emprego"

"Até tive de me afastar dos meus filhos, mas eles perceberam. Obviamente sofreram com isso"

fridas no passado. Tanto que, até há bem pouco tempo, bastava que alguém – mesmo que involuntariamente – levantasse o braço na sua direcção para que a apresentadora revivesse novamente os momentos de pânico.

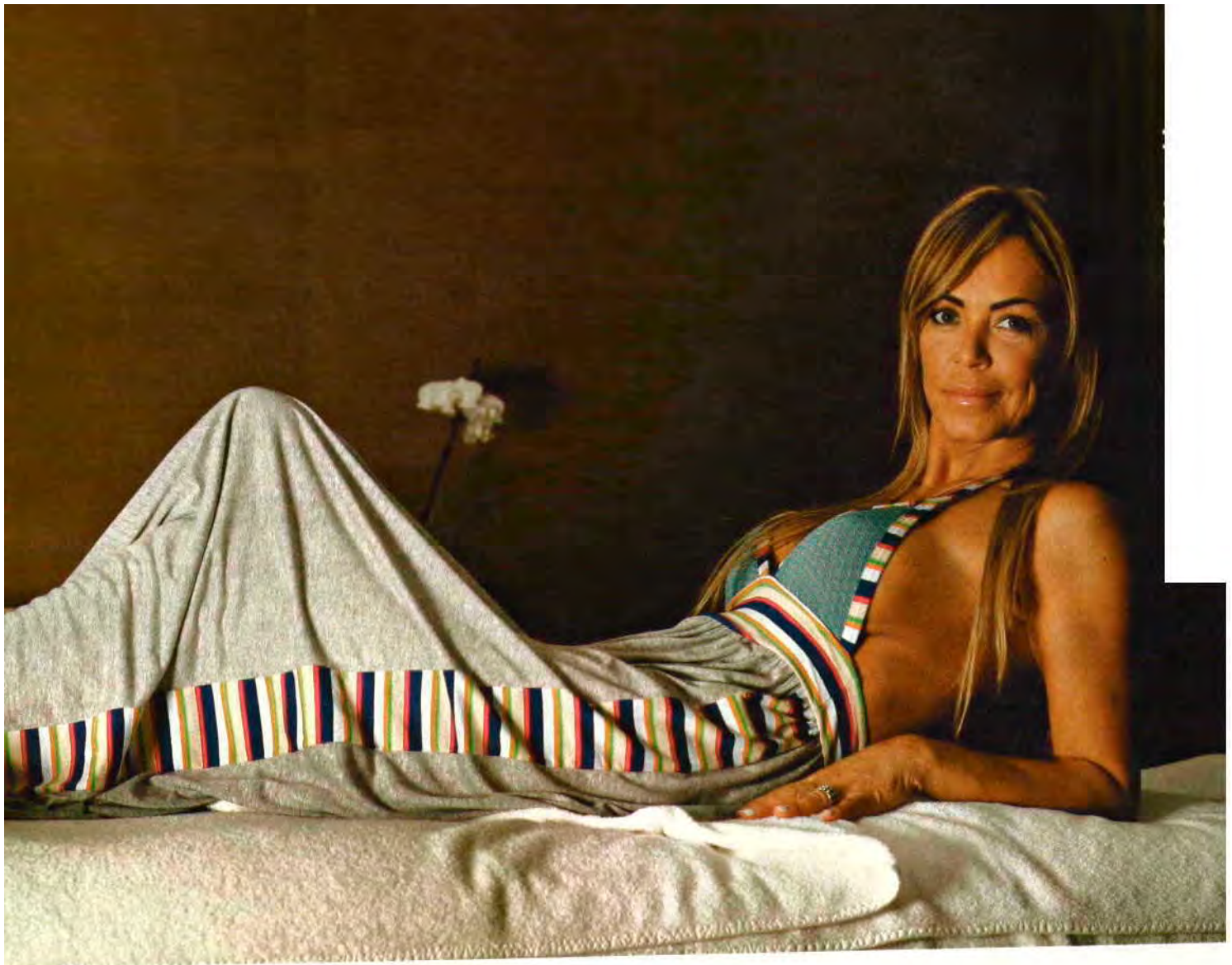
Hoje, o trauma do passado é superado com constantes visitas à psicóloga e com a ajuda de outras tantas mulheres – com quem conversa na APAV (Associação de Apoio à Vítima) –, mas nem sempre foi assim.

Sem dinheiro para procurar a ajuda de um médico, na altura – em Agosto passado –, Elsa acabou por pedir auxílio a um casal amigo, que lhe abriu as portas da casa onde viria a passar dois

BELEZA

Aos 44 anos, Elsa Raposo continua a ser uma das mulheres mais bonitas do panorama social





meses sozinha: sem família, amigos e apenas em contacto com a Natureza. "Foi dois meses em que estive sozinha, sem a ajuda de comprimidos e a tentar compreender tudo aquilo que tinha vivido. Até tive de me afastar dos meus filhos, mas eles perceberam. Obviamente sofreram com isso, viram a mãe sofrer, nenhuma criança gosta, mas a mesma ajuda que eu tive naquela altura, os meus filhos também a tiveram. Para eles, também foi uma aprendizagem e não foi por isso que deixaram de ser felizes", revela, enquanto conta, de olhos a brilhar, as façanhas de Lourenço, Afonso e Francisco na vida escolar. É uma mãe zelosa, mas não se arrepende de se ter afastado dos três filhos para recuperar psicologicamente. Depois de ter terminado a relação com o empresário Pe-

"Estava a viver numa 'ilha', completamente dependente daquela pessoa, que até controlava os telefonemas"

dro Pereira, Elsa "mal conseguia articular duas palavras" e precisava de estar sozinha. Até porque, da mesma forma que se tinha isolado durante a relação, precisava agora de estar só para dar a volta por cima. "Estava a viver numa 'ilha', completamente dependente daquela pessoa que até controlava os telefonemas que fazia para a família e amigos. Afastei-me, involuntariamente, de toda a gente e mesmo tendo a pressão da minha família, que me dizia para que deixasse aquela pessoa, para me salvar, a única coisa que eu pedia era para acreditarem em mim, para me darem o benefício da dúvida, porque eu iria conseguir mudar aquela pessoa. Hoje acredito que há missões impossíveis, pois os únicos missionários que existem no Mundo são os médicos. Por isso, o conselho que agora posso dar a todas as

"ATÉ VENDIA NA PRAIA"

Hoje com um emprego estável, como apresentadora da TV Record, Elsa Raposo recuperou o antigo estilo de vida. Mas garante que, se fosse preciso, voltaria a fazer qualquer coisa para ganhar a vida. "Se fosse preciso até vendia colares na praia. No mês de Agosto, com a ajuda dos meus filhos, desfiz todos os colares que tinha e fiz novos, que vendi aos amigos e aos amigos dos amigos. Não me envergonho disso", refere, enquanto relaxava no Spirito Spa, do Hotel Sheraton, em Lisboa. Hoje, a apresentadora mostra-se grata pelo apoio que teve durante a recuperação. "A minha família, os meus médicos e os meus amigos estiveram sempre comigo."



A FERVER

mulheres é que ao primeiro sinal de agressão, devem logo procurar ajuda e sair daquela situação o mais rapidamente possível. Nunca devem dar hipóteses a futuras repetições”, diz, acrescentando não se recordar do motivo da primeira agressão por parte do ex-companheiro. “O pior é que tu nunca sabes por que motivo foi. E vais desculpando, porque achas que foi um extravasar, um engano daquela pessoa, que se alterou ou que teve um dia de stress.”

TURBILHÃO AOS 40

Quase um ano depois do sucedido, Elsa não se lamenta do passado. Admite que cometeu erros, mas garante que tudo serviu para aprender. “Aprendi uma lição de vida brutal e hoje sei que tinha de passar por muito daquilo, pois são ferramentas que agora tenho para transmitir para outras mulheres e para os meus filhos”, admite, sem ressentimentos. Aos 44 anos, tem a noção de que ainda não está completamente recuperada, mas diz--se feliz ao lado do apresentador João Kléber, que conheceu há cerca de seis meses nos bastidores da TV Record, e com quem trabalha.

Quanto ao romance, não mente: amor à primeira vista não existiu e as “borboletas no estômago” também não.

Sente, isso sim, que encontrou o homem certo para passar o resto da vida. “Obviamente que não é aquele amor dos 20 anos. É um amor mais maduro, mais sereno e estável, mas o João é um companheiro de vida. É esta pessoa que eu quero ter ao meu lado, com quem quero fazer as minhas viagens, com quem quero ver aquele filme. Um amigo meu disse, um dia, que íamos ficar juntos para o resto da vida e eu penso o mesmo.”

O primeiro passo está dado: João Kléber e Elsa Raposo vão casar no próximo mês de Junho, numa cerimónia simples e intimista, que, para a apresentadora, faz todo o sentido. “Só casei uma vez, com o pai dos meus filhos, e só poderia voltar a fazê-lo com uma pessoa que reunisse as condições para eu ser feliz. E eu sei que esta vai ser uma história bonita, como foi com o pai dos meus filhos, embora em moldes diferentes.”



“NÃO QUERO INDEMNIZAÇÕES”

Depois dos alegados episódios de agressões, Elsa Raposo aconselhou-se com uma juíza e a ‘Vidas’ sabe que a apresentadora moveu um processo judicial contra o ex-namorado, Pedro Pereira. No entanto, garante que, ao contrário do que foi dito, não quer extorquir dinheiro a ninguém. “O meu processo não passa por indemnizações, porque a única coisa que eu quero neste Mundo é que esta pessoa seja julgada como agressor”, diz, nunca se referindo ao nome de Pedro Pereira durante toda a entrevista.

Depois, é hora de pensar nos filhos. Ou melhor, na filha que Elsa tem a certeza que irá ter. “Eu disse que não ia voltar a ser mãe, mas o João até agora não foi pai, por opção, e pela primeira vez senti esse apelo”, revela. Para que a gravidez de Elsa corra da melhor forma, a apresentadora vai ser acompanhada por dois médicos. “Não vou fazer tratamentos de fertilidade porque não tenho problema nenhum em engravidar. Mas quero planejar tudo de uma forma segura para mim, que já tenho quase 45 anos”, diz.

Elsa sonha ter a estabilidade de uma família, como aquela em que nasceu, ainda que talvez um pouco menos conservadora. Quando todos os amigos saíam à noite, Elsa lembra-se de ter horas estupidadas para chegar a casa, razão que a levou a ‘deixar os pais’ com apenas 18 anos. “O meu pai não deixava que eu sáísse muito – a não ser para o ballet, a escola e o basquetebol. Eu via as minhas amigas a irem para a discoteca e também queria a minha liberdade.

“Não vou fazer tratamentos de fertilidade. Não tenho problema nenhum em engravidar, mas quero planejar tudo”

“Já revivi episódios do passado e vi o futuro. Vi-me com a minha família, os meus filhos e vi uma menina, uma filha”

Então, um dia, saí de casa e fui viver para um quarto alugado, no primeiro bairro social de Lisboa. Já trabalhava como manequim e, ao fim de um ano, o meu pai chamou-me para uma conversa franca, em que se mostrou orgulhoso do que eu tinha construído sozinha durante o ano em que saí de casa.”

Agora – e apesar de sempre se ter recusado a viver das ajudas de uma família com pos- ses (“nunca fui uma menina da mamã nem do papá”) – admite que os pais são um dos seus portos seguros e até já se imagina, daqui a uns dez anos, a também ela ter uma vida tão tranquila como esta.

“Faço terapia de regressão e projecção [técnica acompanhada, que possibilita regressar a determinados momentos do passado, bem como do futuro] e, assim como revivi os episódios de passado, vi o meu futuro, não muito distante. Vi-me com a minha família, os meus filhos e vi uma menina também, uma filha. Um quadro feliz. É isso que quero.” ●

Vidas agradece a colaboração do Hotel Sheraton Lisboa



APAGAR AS MARCAS

Elsa Raposo decidiu apagar do corpo praticamente todas as marcas do passado. Foi o que aconteceu com a tatuagem que fez quando namorava com Gonçalo Diniz. A apresentadora tinha inscrito o nome do actor no braço esquerdo, mas retirou-a quando a relação terminou. Agora, Elsa Raposo diz que não vai tatuar o nome de mais ninguém.



Violência doméstica

por: Yara Monteiro, estagiária

Todos nós sabemos que a violência doméstica é um problema universal que atinge milhares de pessoas, em grande número de forma silenciosa e dissimulada. Trata-se de um problema que geralmente não acontece só às mulheres. Também se comete contra os homens e não costuma obedecer a nenhum nível social.



Estatisticamente, a violência contra as mulheres é muito maior que contra os homens. Normalmente, os homens batem nas mulheres dentro de casa, para não serem vistos pelos conhecidos (parentes, familiares, amigos, etc.) e as mulheres não denunciam o caso por vergonha dos filhos, familiares, amigos etc., por medo de se exporem e muitas vezes porque são ameaçadas pelos companheiros. Muitos casos de violência doméstica acontecem quando a pessoa está sob o efeito de álcool, pois a bebida torna a pessoa mais agressiva.

Exemplo: O homem bebe e depois agride a mulher.

A violência doméstica também é praticada contra os homens, na maioria dos casos acontece quando os homens estão desprevenidos, por exemplo, enquanto dormem mas os homens tendem a esconder mais por vergonha, por terem como agente da violência as mulheres. A pior cicatriz é que fica na memória.

Violência por detrás da violência

por: Yara Monteiro, estagiária

Uma mulher foi agredida pelo marido em Silves. Maria João, de 32 anos, foi agredida pelo marido Luís.

A agressão ocorreu em casa de férias dos amigos. Encontravam sozinhos, o marido Luís encontrava-se bêbedo e não queria que a mulher Maria telefonasse para os pais.

Em seguida, Luís começou a gritar e a bater brutalmente na mulher.

No entanto, de manhã, quando a mulher ficou consciente, chamou a ambulância. Maria encontra-se internada e num estado muito grave. O marido está em liberdade por motivos muito drásticos: "Não foi apanhado em flagrante".

APAV®



Apoio à Vítima

Linha de apoio à vítima

707 20 00 707

10H - 13H | 14H - 17H

OBSERVATÓRIO DO TRÁFICO DE SERES HUMANOS REGISTOU 136 CASOS EM 2008

As autoridades
conhecem
poucos casos
de crianças
usadas
em tráfico



Vende-se gente em Portugal

Texto • Rute Coelho
rute.n.coelho@24horas.com.pt

Só no ano passado, 136 pessoas poderão ter sido trazidas para Portugal contra a sua vontade. Os casos foram sinalizados pelas várias polícias (PSP, GNR, PJ e SEF) como suspeitas de tráfico. "Na esmagadora maioria são mulheres brasileiras sobre as quais havia suspeitas de terem sido vítimas de exploração sexual. Só uma reduzida percentagem, nem chegam a 10 casos, diziam respeito a crianças possivelmente traficadas", explicou ao 24horas Victor Coelho, presidente do Observatório do Tráfico de Seres Humanos.

Dos 136 casos sinalizados, não se sabe quantos deram origem a processos-crime. A investigação cabe exclusivamente à Polícia Judiciária e ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), que decidem, perante

Mulheres
brasileiras vítimas
de exploração
sexual preenchem
a maioria dos
casos sinalizados.
Crianças trazidas
ilegalmente para
o nosso país são
uma minoria

O destino das vítimas

Quando a Polícia Judiciária conclui existirem indícios de que uma criança foi trazida ilegalmente para Portugal, ou para fins de exploração sexual ou para trabalho escravo, são feitas diligências para confirmar a

os indícios, abrir ou não inquérito-crime por tráfico de seres humanos.

PJ vai averiguar caso iraquiano

"Nenhum desses casos sinalizados está relacionado com o Iraque", esclareceu Victor Coelho, por Portugal ter sido referenciado num jornal britânico como possível destino de tráfico de crianças iraquianas.

O director nacional adjunto da Polícia Judiciária, Pe-

dro do Carmo, também adiantou ao 24horas não ter "qualquer registo de crianças iraquianas traficadas para Portugal". "Já iniciámos diligências junto das autoridades internacionais para apurar a veracidade dessa informação que foi veiculada por um jornal britânico", assegurou Pedro do Carmo. Segundo o director nacional adjunto da PJ, os casos de tráfico de crianças para Portugal têm sido "muito pontuais". "No ano passado a Polícia Judiciária recebeu menos de meia dúzia de casos em que havia suspeitas de crianças terem sido traficadas para Portugal". Algumas dessas crianças eram oriundas do Leste europeu. Ao contrário das ONG's (organizações não governamentais), para a Polícia Judiciária contam apenas os casos que resultaram em inquérito-crime por tráfico após uma investiga-

ção prévia, esclareceu o responsável.

Pedro do Carmo recordou dois casos em 2005, referentes a casais portugueses que não podiam ter filhos e então contrataram búlgaras grávidas que vieram a Portugal para os partos e forneceram os nomes das mulheres portuguesas à entrada das maternidades. ■

números

20

crianças e adolescentes, entre os 11 e os 17 anos, foram traficados para Portugal de 2000 a 2007, segundo a APAV.

3500

pessoas levadas para países europeus por uma rede ucraniana desmantelada em Novembro.



Basta de violência doméstica!

No âmbito da área curricular não disciplinar de Área de Projecto, no contexto da turma B do 12.º ano, terão lugar hoje, Quinta-feira, dia 26, no Centro Paroquial de Almacave, duas sessões subordinadas ao tema "Violência Doméstica", destinadas aos alunos do ensino secundário da Escola Secundária/2,3 da Sé e à comunidade em geral.

Cada sessão será iniciada por uma pequena dramatização, cujo texto foi elaborado pelos alunos do 12.º, sob orientação da professora de Português. Quanto à dramatização, será levada à cena pelos alunos da Oficina de Expressões da Escola Secundária/2, 3 da Sé, com o apoio técnico da turma anterior-

mente referida. Ambas as sessões contarão com o contributo de um elemento da APAV (Associação de Apoio à Vítima) e outro da CPCJ (Comissão de Protecção de Jovens e Crianças em Risco de Lamego).

Os objectivos inerentes a esta iniciativa prendem-se com a necessidade de sensibilizar os jovens e a comunidade em geral para a falta cada vez maior de Valores, como o Respeito e a Solidariedade, entre outros. E também uma forma de homenagear as mulheres, dado serem umas das principais vítimas deste flagelo.

Para viabilizar esta acção, existe uma grande interdisciplinidade entre os docentes de Área de Projecto (pro-

fessor José Francisco), de Educação Moral e religiosa Católica (professor Simão Carvalho) e de Português (professora Amélia Bernardo).

Pelo que fica expresso nos parágrafos anteriores, se infere que, nesta convergência de esforços, não faltam a Oficina de Expressões (dinamizada pela professora Hermínia Oliveira), a APAV e a CPCJ de Lamego.

Faça como nós! Não deixe que esta interacção lhe escape. Venha, ouça, reflecta, compare opiniões, colabore nesta tentativa de mudança de mentalidades e de comportamentos.

Até logo, às 15.45, horas, horário reservado à comunidade em geral.

A turma do 12.º B

actual

FAMOSAS VÍTIMAS DE

CALAR-SE? NUNCA!

Os dados assustam e os agressores existem em todas as classes. Nem as famosas escapam à violência dentro de portas

Ao longo dos últimos oito anos foram registados, em Portugal, 132 mil casos de violência doméstica. Os dados foram avançados pela secretária de Estado adjunta e da Reabilitação **Idália Moniz**, no início do ano. O número dá que pensar, sobretudo se tivermos em conta que estes são apenas os casos conhecidos. Estima-se que 30 por cento das vítimas escondam o problema, sobretudo por vergonha ou medo. A violência doméstica afecta todas as classes sociais e não olha a caras. Por isso, mesmo as mais conhecidas podem ficar manchadas pela brutalidade dos agressores. **Elsa Raposo** é uma das mulheres que resolveu não se calar, perante esta situação. O seu objectivo: dar o exemplo, para que outras vítimas procurem ajuda. "Quando se espera pelo primeiro estalo ou empurrão, não se deve esperar pelo segundo", observa a apresentadora da TV Record. Elsa vai mais longe e recorda a brutalidade com que foi agredida. "Fui violentada num quarto de hotel, num turismo de habitação. Um lugar tranquilo, mas isolado. Ninguém ouviu os meus gritos." Foram momentos de verdadeiro terror. "Fiquei sem forças, caída no chão, a vomitar sangue. Fui transportada pelos braços até ao carro, prostrada. Ele dizia que me ia levar ao hospital, mas o carro só andava às voltas. O carro parou, con-



CAROLINA SALGADO

Foi agredida, mas perdoou. "Estas situações tendem a arrastar-se", alerta Daniel Cotrim, da APAV



NOÉMIA COSTA contou na televisão as agressões de que foi vítima. Agora prefere remeter-se ao silêncio, mas chora ao recordar este assunto

seguir sair e foi um casal que me ajudou", lembra. Outro exemplo de violência extrema aconteceu com **Ana Ribeiro**. A jornalista, irmã de **Alexandra Lencastre**, terá deixado o suposto agressor entrar em casa, para evitar confusões no prédio. O que se seguiu terá sido um episódio marcante, que acabou em tribunal. Ana alegou, perante os juízes, que **João Murillo** teria partido um vidro, esbofetando-a de seguida. Quem não se coíbe de fa-

ANA RIBEIRO

A jornalista afirmou, em tribunal, ter sido agredida pelo antigo namorado, o artista plástico **João Murillo**, que acabou por ser condenado a pagar uma indemnização





VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



ELSA RAPOSO

A antiga modelo foi agredida, com grande violência, dentro de um quarto de hotel. "Fiquei sem forças, caída no chão, a vomitar sangue"

Caso seja vítima:

- Peça ajuda! Grite por vizinhos e tente chamar as autoridades. Ensine os seus filhos a fazê-lo, ligando o 112
- Mantenha-se em áreas seguras da casa: evite a cozinha, dado existirem facas ou outros utensílios que podem servir de arma
- Evite a casa de banho, ou espaços pequenos, onde possa ser presa pelo agressor
- Não use lenços ou colares compridos que possam facilitar a agressão
- Procure uma zona de fuga e saia! Tenha sempre dinheiro e o telemóvel consigo
- Tenha um saco com roupa, em casa de amigas ou familiares, para o caso de necessitar fugir
- Mantenha uma conta bancária secreta, para ter recursos, em caso de necessidade

lar é Dolores Santos, mãe de Cristiano Ronaldo, que por culpa do álcool viu o seu casamento de 34 anos ser destruído, aos poucos. "Fui muito maltratada. Mas nunca desprezei o meu marido, a pensar nos meus filhos." A passagem do pai do craque pela guerra, em Angola, terá espoletado o comportamento de Dinis Aveiro: "Ele não era assim. Mudou depois de ir ao Ultramar. Quando voltou de Angola vinha muito revoltado. Penso que foi devido a isso. Antes não bebia".

Carolina Salgado também já se viu em maus lençóis. "Quando surgi num casamento com o olho negro, foi o Francisco que me bateu", contou, à tvmais. Contudo, Carolina perdoou o companheiro, com quem se encontra, no Alentejo "em descanso sabático", disse-nos fonte da estalagem onde vivem. Noémia Costa, por fim, chora ao falar sobre a experiência que prefere esquecer, e alerta: "A violência também é psicológica e dói muito mais". ■



DOLORES SANTOS Apesar de não revelar a natureza dos actos a que foi sujeita, assume que foi maltratada pelo marido

APAV[®]



Apoio à Vítima

Contacto: 707 200 077

QUESTÃO DE JUSTIÇA

Denúncias à Associação Portuguesa de

JOVENS ATACAM CADA VEZ MAIS OS PAIS

O recente rapto de uma mulher pelo próprio filho trouxe à luz um problema que se tem agravado, com as autoridades a receberem cada vez mais queixas de pessoas que são agredidas pelos próprios filhos, muitos deles menores e... raparigas

CARLOS TOMÁS | TEXTO

Afacada, à machada, à tesourada ou simplesmente à pancada. O filme é de terror, mas bem real. E a tendência é para piorar. A violência entre pais e filhos tem disparado em Portugal desde 2004 e há cada vez mais menores a agredir quem os trouxe ao mundo. Alguns casos têm terminado em morte.

As mães, segundo dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), são as

mais atacadas, mas os pais também têm sido vítimas de ataques protagonizados pelos próprios filhos. Apesar do aumento das denúncias feitas às autoridades, estas calculam que o número de pessoas

agredidas pelos filhos ultrapasse mais de dez mil por ano.

Maria Vacas, técnica da APAV, não tem dúvidas: "As agressões de jovens e adolescentes a pais é um fenómeno que está a crescer de forma preocupante. Os motivos são os mais variados e vão desde dificuldades económicas a dependências das vítimas. Algumas estão acamadas, ou sofrem de doenças que as deixam mentalmente incapacitadas, e os filhos não estão preparados para enfrentarem estes problemas."

E a técnica exemplifica: "O

facto de não poderem ter uma vida independente leva a que descarreguem a sua

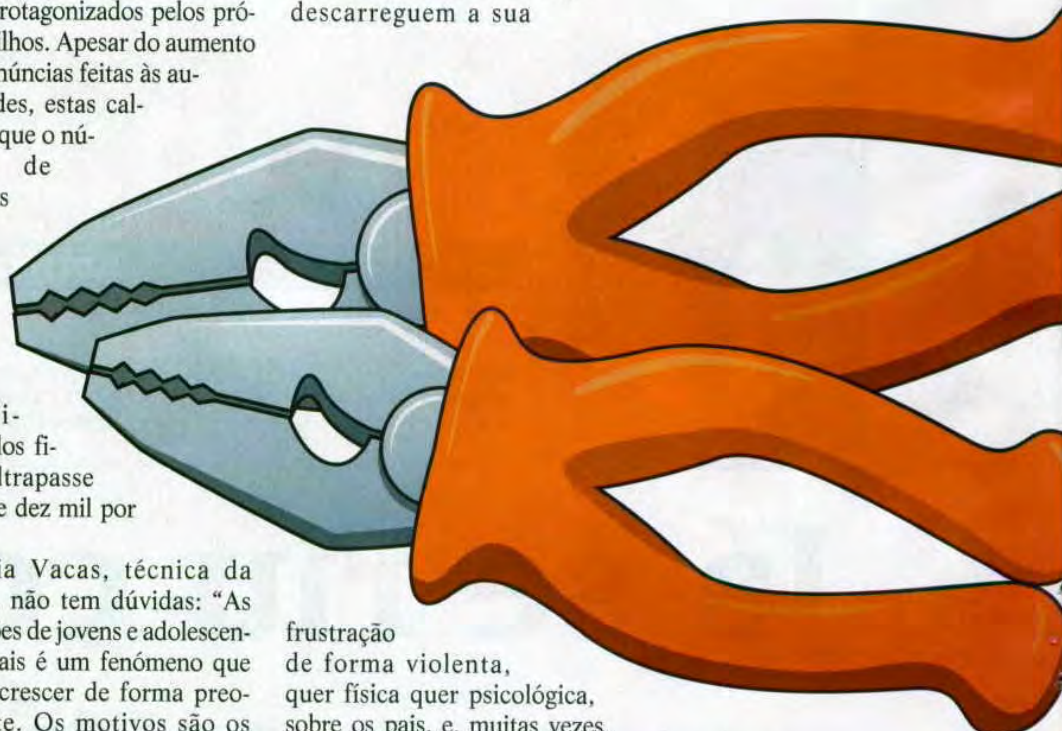
também ocorrem porque o

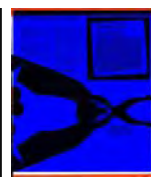
frustração de forma violenta, quer física quer psicológica, sobre os pais, e, muitas vezes, com fins dramáticos."

Perda de tempo

De acordo com Maria Vacas, muitos dos actos violentos praticados por jovens e adolescentes contra os pais ou outros familiares, nomeadamente padrastos, madrastas e irmãos,

agressor tem grande capacidade de influência no seio familiar, quer em termos de figura dominante q u e r





Apoio à Vítima estão a aumentar

pelo poder económico. “Em muitos casos a vítima não faz a denúncia de maus tratos porque tem medo de perder o filho ou a filha”, disse a técnica ao *24horas*.

Uma ideia que é partilhada pelas autoridades. De acordo com um responsável do Comando Metropolitano da PSP de Lisboa, a maioria das denúncias de pais contra filhos acaba por se traduzir

numa simples perda de tempo: “A maioria dos casos são relativos a idosos que são espancados e os filhos vão lá buscar à força as pensões de reforma. Estes indivíduos são quase todos toxicodependentes ou alcoólicos. Porém, nós pouco podemos fazer porque as vítimas raramente formalizam as queixas. Abrem-se inquéritos, indentificam-se e notificam-se pessoas, mas acaba quase tudo no lixo.” Uma opinião partilhada por vários responsáveis da GNR contactados pelo nosso jornal.

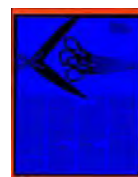
Satânico

O crime dei-

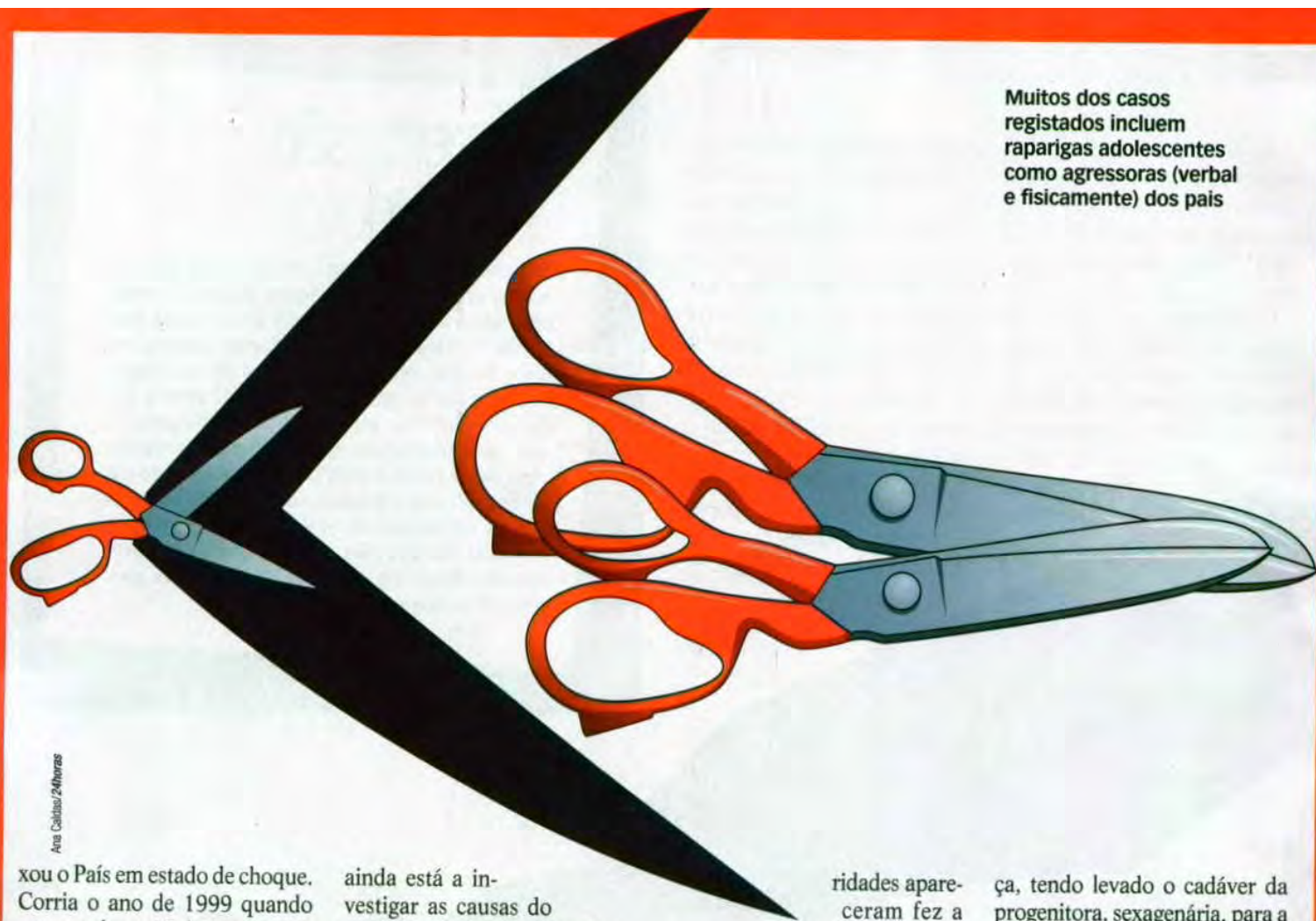
Números são assustadores

Os números de agressões de filhos são assustadores e, segundo fonte policial ouvida pelo *24horas*, “não retractam um terço da realidade”. Entre 2004 e 2008 foram registadas mais de duas mil queixas. Cerca de 100 alegados agressores tinham menos de 17 anos e 325 tinham entre os 18 e os 25 anos. De acordo com as estatísticas, os denúncias de agressões entre filhos e pais não têm parado de subir desde 2004, o mesmo se aplicando nas restantes situações de violência doméstica. A APAV calcula que existem em Portugal mais de 150 mil vítimas de violência praticada por pessoas do próprio seio familiar.

São cada vez mais os casos em que os mais pequenos lá de casa se insurgem contra os pais



Muitos dos casos registados incluem raparigas adolescentes como agressoras (verbal e fisicamente) dos pais



Ava Caldas/24horas

xou o País em estado de choque. Corria o ano de 1999 quando um popular, a 15 de Agosto, entrou na casa do médico Jorge Machado, em Vale de Ílhavo, e encontrou um banho de sangue. O clínico foi esfaqueado dezenas de vezes e a mulher, Maria Fernanda, teve a mesma sorte.

Após uma semana de investigações, a Polícia Judiciária (PJ) descobriu que o autor do crime tinha sido o filho, de 23 anos. O rapaz era vocalista de uma banda de *black metal* e as autoridades ainda hoje pensam que as mortes ocorreram devido às suas ligações a seitas satânicas. As mortes ocorreram de 12 para 13 de Agosto, altura em que se deu o último equinócio do século passado. Foi preso e condenado a 21 anos de prisão. Deverá ser posto em liberdade em 2013.

Outro caso mediático ocorreu já este ano, quando um homem foi assassinado à machadada pelo filho, de 21 anos, em Porto Salvo, concelho de Oeiras. A PJ

ainda está a investigar as causas do violento crime. Mas há mais dramas relacionados com a "guerra" entre pais e filhos. Em Massamá, concelho de Sintra, um jovem de apenas 16 anos tornou-se toxicodependente e passou a agredir os pais e a roubar coisas de casa. Acabou por ser expulso da residência e refugiou-se na casa de uma avó materna, a quem também batia e roubava. Nem os pais nem a avó apresentaram qualquer queixa e o drama familiar só foi descoberto quando o rapaz apareceu morto dentro de um caixote do lixo, em Belas.

O terror de Sátão

Já esta semana, foi notícia o facto de um jovem de 19 anos ter sequestrado a mãe, no passado domingo, na vila de Sátão, em Viseu, acabando detido. O rapaz teve um ataque de fúria e exigiu à mãe dinheiro, alegadamente para comprar álcool e estupefacientes. Quando as auto-

ridades apareceram fez a mãe refém, mas acabou por ser detido pelas autoridades. O tribunal determinou que ele ficasse em liberdade, mas proibido de visitar os pais.

Em 2007 dois agentes da PSP de Tomar foram separar um pai e um filho de 20 anos, que estavam à luta, e acabaram também por ser agredidos pelo jovem. Os polícias tiveram de receber tratamento hospitalar e o agressor não compareceu à audiência de julgamento, permanecendo actualmente em liberdade.

Em 2007 dois agentes da PSP de Tomar foram separar um pai e um filho de 20 anos, que estavam à luta, e acabaram também por ser agredidos pelo jovem. Os polícias tiveram de receber tratamento hospitalar e o agressor não compareceu à audiência de julgamento, permanecendo actualmente em liberdade.

Decapitadas

Não se julgue, no entanto, que são só os meninos e adolescentes a agredirem e a matarem os pais. Exemplos não faltam. Em Outubro de 2008 um homem, de 46 anos, matou a mãe num apartamento do Cacém com uma faca de cozinha e depois cortou-lhe a cabeça. Depois pegou no corpo e na cabe-

ça, tendo levado o cadáver da progenitora, sexagenária, para a casa dela. Deixou o corpo na cozinha e a cabeça no frigorífico. Foi preso em Castelo Branco uma semana depois de ter praticado o crime.

Em Penamacor, região Centro do País, Francisco Fonseca, de 40 anos, entrou na casa da mãe e matou-a também à facada. O crime ocorreu em meados de Setembro de 2004 e o cadáver de Maria Alcina, de 64 anos, foi encontrado no quarto. A cabeça estava colocada no balcão da cozinha.

Em Março, em Oliveira de Frades, uma mulher de 74 anos foi agredida à facada e à tesourada pelo filho, um ex-agente da PSP, de 43 anos. A vítima, uma professora aposentada, foi rapidamente socorrida devido ao alerta às autoridades feito por um vizinho. Deu entrada no Hospital de Viseu ainda com a tesoura cravada no abdómen. Sobreviveu e o ex-polícia acabou por ser preso.



FARO
Tráfico de humanos

■ A APAV/Algarve organiza amanhã, a partir das 09h30, na Biblioteca Municipal, um workshop. O tema incidirá sobre tráfico de seres humanos.

Azevedo Silva no Espaço APAV & Cultura dia 16 Abril.

Escrito por Factor Lisboa

Segunda, 13 Abril 2009 12:51



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima apresenta no dia 16 de Abril, às 19h, um concerto com Azevedo Silva.

Este evento tem lugar no Espaço APAV & Cultura, na Sede da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e tem entrada livre. Azevedo Silva é um jovem "songwriter" que combina palavras cantadas em português com melodias melancólicas.

Azevedo Silva tem actuado um pouco por todo o país e já editou várias gravações - "Clarabóia EP" (2006), "Tartaruga" (2007), "Autista" (2008) e "Ao vivo na Sociedade" (2009) - encontrando-se todas disponíveis para download gratuito na sua página no MySpace.

www.myspace.com/azevedosilva

Dia 16 de Abril, 5ª feira, 19h00 actuação de Azevedo Silva no Espaço APAV & Cultura, na Rua José Estêvão 135-A, Piso 2 (ao Jardim Constantino).

Para saber mais sobre Azevedo Silva, leia a "Unidade Sonora" no Factor Lisboa.



MAIORIA DOS ABUSOS SÃO COMETIDOS PELOS COMPANHEIROS

Vítimas escondem violações em casa

Duas em cada três violações são feitas pelos próprios parceiros. Mas as mulheres têm tendência a escondê-las, por não saberem que também é crime

Duas em cada três violações denunciadas à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) em 2008 foram cometidas pelos próprios companheiros das vítimas, mas este crime raramente é reconhecido.

Quando as mulheres se queixam de violência doméstica, mais tarde ou mais cedo o técnico que as está a acompanhar acaba por perguntar se foram obrigadas a ter relações sexuais, explicou à Lusa o assessor técnico da direcção da APAV, Daniel Cotrim.

Contudo, apesar de acontecer com alguma frequência, a maioria das mulheres não encara as relações sexuais forçadas pelo companheiro como uma violação: "Para elas, faz parte da relação entre o marido e a mulher. Elas só se apercebem disto a partir do momento em que esta realidade é consciencializada."

No ano passado, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 193 denúncias de violação, das quais 132 re-



Motivo é o poder não o prazer

"O crime sexual não tem uma motivação sexual, é um exercício de poder e de controlo sobre as vítimas, cometido com uma arma que é o sexo", afirmou à Lusa a psicóloga forense Cristina Soeiro, investigadora do Instituto Superior de Polícia Judiciária e Ciências Criminais, que está a efectuar uma caracterização de perfis criminais dos violadores, incluindo já entrevistas a 60 indivíduos.

Entre os quatro perfis já delineados dois são dominantes: os violadores que cometem o crime num contexto criminal e os violadores de oportunidade. Os primeiros, mais agressivos, premeditam o crime, que surge quase sempre associado ao roubo e ao sequestro. "Normalmente, o crime precipitador é o roubo", adiantou. Os violadores de oportunidade recorrem essencialmente à força para dominar a vítima, mas sem armas. Actuam na via pública, em espaços resguardados, podem encetar antes uma conversa com a vítima e cometem o crime durante o dia.

Muitas mulheres deixam-se violar pelos maridos para não sofrerem outro tipo de agressões

lacionadas com a violência doméstica. Mas a maioria dos casos não chega a entrar nas estatísticas, estimando-se que este seja um dos tipos de crime em que as cifras negras (crimes que não são denunciados) são mais elevadas.

Têm vergonha

"As pessoas têm vergonha de falar, porque é um crime que tem a ver com a intimidade. Também há a questão do preconceito e do juízo moral, as pessoas culpabilizam-se e têm medo de ser julgadas. Quando a violação acontece numa situação conjugal nem é reconhecida como

tal", justificou.

Depois dos maus tratos físicos e psicológicos, a coacção sexual é a terceira forma de exercer domínio sobre a mulher, mas muitas não reconhecem que foram vítimas de um crime. "A mulher é ensinada que não tem de ter prazer, quem tem prazer é o homem", justifica o psicólogo da APAV.

Às vezes, a resignação às relações sexuais forçadas no contexto da violência doméstica surge também como forma de evitar mais agressões. Daniel Cotrim não esquece alguns dos desabafos das vítimas: "Ele violava-me muitas vezes e

números



317

Segundo o Relatório Anual de Segurança Interna, as denúncias de violações aumentaram em 2008: 317 casos, mais 12 do que em 2007, e 33 detenções.

16

Desde o início de 2009, foram detidos pelo menos 16 homens implicados em violações.



EM 2008 HOUE 522 MENORES DE 14 ANOS

Crianças fazem perícias sexuais

Sessenta por cento das perícias sexuais feitas pelo Instituto Nacional de Medicina Legal (INML) em 2008 diziam respeito a menores de 14 anos.

O INML realizou no ano passado 827 exames a vítimas de crimes sexuais, 522 dos quais a crianças com menos de 14 anos, 112 a adolescentes entre os 15 e 16 anos, e 193 a pessoas com mais de 16 anos. Foram examinadas 671 mulheres e também 154 homens.

As perícias do INML são fundamentais como elemento de prova, frisou à Lusa o presidente do Instituto, Duarte Nuno Vieira. "Se encontrarmos vestígios físicos que indiciam violência, que

indicam que a vítima foi forçada e imobilizada, se encontrarmos vestígios que confirmem um agressão sexual, se encontrarmos vestígios que ajudem a identificar um agressor através de um perfil de ADN, tudo isto será confrontado com o que o tribunal tiver e ajudará a decidir se houve agressão sexual e a identificar o agressor."

Uma perícia de natureza sexual tem três etapas. Primeiro, há uma conversa com a vítima; segue-se um exame ao vestuário, para recolher amostras de cabelos, pêlos ou manchas de fluidos corporais; finalmente é feito um exame corporal, com particular incidência nas regiões mais atingidas na agressão. ■



Duarte Nuno Vieira diz que as perícias são fundamentais

eu deixava, porque era a melhor forma de ele não me bater mais ou não me magoar durante o acto sexual" ou "Eu cedia para ele me deixar em paz, para ficar mais calmo".

Os técnicos da APAV tentam "minimizar o efeito do trauma" e explicam os procedimentos a seguir. "Os vestígios - se a viola-

ção for recente - devem ser recolhidos e guardados num saco de papel e não de plástico, como se vê nos filmes", exemplificou.

Quando o crime é denunciado junto da polícia, as autoridades encaminham as vítimas para um exame médico-legal e indicam onde podem encontrar apoio. ■



CRIMES SEXUAIS ■ VÍTIMAS MAIORITARIAMENTE DO SEXO FEMININO



Dois em cada três crimes cometidos por companheiro

● Em 2008, duas em cada três violações denunciadas à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) foram cometidas pelos companheiros das vítimas. Contudo, a maioria das mulheres não encara as relações sexuais forçadas pelo companheiro como violação. Num total de 193 denúncias, a APAV registou 132 relacionadas com a violência doméstica.

Segundo o Relatório Anual de Segurança Interna, as denúncias relativas a violações aumentaram no ano de 2008. Registaram-se 317 casos, mais 12 do que em 2007, dos quais resultaram 33 detenções.

Desde o início deste ano foram detidos, pelo menos, dezasseis homens implicados em violações. ■

Muitas das violações de que as mulheres são vítimas acontecem num cenário de violência doméstica

522 perícias sexuais a menores de 14 anos

■ Investigadora da PJ diz que crime não tem só motivação sexual, é um "exercício de poder"

● JOANA NOGUEIRA*

Sessenta por cento das perícias sexuais feitas pelo Instituto Nacional de Medicina Legal (INML), em 2008, dizem respeito a menores de 14 anos, segundo dados oficiais.

No ano passado foram realizados pelo INML 827 exames a vítimas de

crimes sexuais, dos quais 522 feitos a crianças com menos de 14 anos, 112 a adolescentes com idades entre os 15 e os 16 anos e 193 a pessoas com mais de 16 anos. Este tipo de crimes tem uma maior predominância no sexo feminino, tendo sido examinadas mais de 670 mulheres.

Cristina Soeiro, investigadora do Instituto Superior de Polícia Judiciária e Ciências Criminais, explica que "o crime sexual não tem motivação sexual, é um exercício de poder e controlo sobre as vítimas, cometido com uma arma que é o sexo". Para a investigadora, a faixa etária

PERÍCIAS

Exames a vítimas de crimes sexuais	
Até 14 anos	522
15-16 anos	112
Mais de 16 anos	193
Total	827
Denúncias de violação	193
Violação relacionada com violência doméstica	132

Fonte: Instituto Nacional de Medicina Legal e APAV

mais representativa entre as vítimas situa-se entre os 18 e os 28 anos. Ainda assim, garante que "o facto das mulheres jovens estarem mais expostas a este tipo de crime tem a ver com estilos de vida, porque frequentam determinados espaços onde pode haver risco deste tipo de fenómenos".

De acordo com o estudo de caracterização de perfis criminais dos violadores desenvolvido por Cristina Soeiro, a maior parte dos agressores identificados não tinha qualquer relação com a vítima (cerca de 70 por cento). ■ COM LUSA



Duas em cada três mulheres violadas são vítimas dos companheiros

Duas em cada três violações denunciadas à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) em 2008 foram cometidas pelos próprios companheiros das vítimas, mas este crime raramente é reconhecido.

Quando as mulheres se queixam de violência doméstica, mais tarde ou mais cedo o técnico que as está a acompanhar acaba por perguntar se foram obrigadas a ter relações sexuais, explicou o assessor técnico da direcção da APAV, Daniel Cotrim.

Apesar de acontecer com alguma frequência, a maioria das mulheres não encara as relações sexuais forçadas pelo companheiro como uma violação: «Para elas, faz parte da relação entre o marido e a mulher. Elas só se apercebem disto a partir do momento em que esta realidade é consciencializada».

No ano passado, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 193 denúncias de violação, das quais 132 relacionadas com a violência doméstica.

Mas a maioria dos casos não chega a entrar nas estatísticas, estimando-se que este seja um dos tipos de crime em que as cifras negras (crimes que não são denunciados) são mais elevadas.

Depois dos maus-tratos físi-



APAV recebeu 193 denúncias de violação em 2008

cos e psicológicos, a coacção sexual é a terceira forma de exercer domínio sobre a mulher, mas muitas não reconhe-

cem que foram vítimas de um crime. Na generalidade dos países, o abuso sexual entre marido e mulher nem sequer é

considerado crime.

Os técnicos da APAV tentam «minimizar o efeito do trauma» e explicam os procedimentos a seguir, desmistificando algumas ideias feitas.

«Os vestígios – se a violação for recente – devem ser recolhidos e guardados num saco de papel e não de plástico como se vê nos filmes», exemplificou o mesmo responsável.

Quando o crime é denunciado junto da polícia, as autoridades encaminham as vítimas para um exame médico-legal e indicam onde podem encontrar apoio.

A APAV é uma das Organizações Não Governamentais (ONG) vocacionadas para apoiar as vítimas deste tipo de crime, a par da UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta) e da Associação de Mulheres contra a Violência.

Redacção/Lusa

Sessenta por cento das perícias feitas a menores de 14 anos

Sessenta por cento das perícias sexuais feitas pelo Instituto Nacional de Medicina Legal (INML) em 2008 diziam respeito a menores de 14 anos, segundo dados deste organismo.

As três delegações do INML (Norte, Centro e Sul) realizaram, no ano passado, 827 exames a vítimas de crimes sexuais, 522 dos quais a crian-

ças com menos de 14 anos, 112 a adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e 16 anos e 193 a pessoas com mais de 16 anos.

O sexo feminino é predominante em todas as faixas etárias: foram examinadas 671 mulheres contra 154 homens.

Redacção/Lusa



Mulheres violadas pelos companheiros

Violência. Duas em cada três mulheres violadas, em 2008, são vítimas dos próprios companheiros, segundo dados da APAV. Um crime que as vítimas têm dificuldade em admitir e denunciar

ANA BELA FERREIRA

"Ele violava-me muitas vezes e eu deixava porque era a melhor forma de ele não me bater mais ou não me magoar durante o acto sexual." O relato de uma mulher violada pelo companheiro é contado por Daniel Cotrim da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que revela que, em 2008, duas em cada três violações denunciadas foram cometidas pelos companheiros das vítimas. O problema é que na maioria dos casos as mulheres não encaram violência sexual como um crime.

"É difícil reconhecer a violação quando é feita no quadro da relação conjugal", explica ao DN o psicólogo Jorge Gravanita. A maioria das mulheres não encara as relações sexuais forçadas pelo companheiro como uma violação. Tal como indica à Lusa o assessor técnico da APAV, Daniel Cotrim, "para elas, faz parte da relação entre o marido e a mulher. Elas só se apercebem disto a partir do momento em que esta realidade é conscientizada".

Para as vítimas é mais complicado assumir esta situação porque "a ideia de violação está associada a alguém de fora e não ao seio da própria intimidade", acrescenta Jorge Gravanita. Além disso, "vai contra o que a pessoa considera admissível", defende.

As mulheres começam por se

queixar de violência doméstica e só mais tarde, quando o técnico pergunta se foram obrigadas a ter relações sexuais é que o assunto é admitido. No ano passado, a APAV registou 193 denúncias de violação, das quais 132 relacionadas com a violência doméstica.

Mas a maioria dos casos não chega a entrar nas estatísticas, estimando-se que este seja um dos crimes em que as cifras negras (crimes que não são denunciados) são mais elevadas. "As pessoas têm vergonha de falar, porque é um crime que tem a ver com a inti-

Violar em nome do poder

Os agressores sexuais não procuram o prazer, mas desejam dominar e controlar as vítimas. A análise é da psicóloga forense Cristina Soeiro, que está a realizar uma caracterização de perfis criminais de violadores. "O crime sexual não tem uma motivação sexual é um exercício de poder e de controlo sobre as vítimas, cometido com uma arma que é o sexo", defende a docente do Instituto Superior de Polícia Judiciária e Ciências Criminais. A maioria não tem uma relação com a vítima. Existem dois tipos de violadores dominantes: os que cometem o crime num contexto criminal e os de oportunidade. Os primeiros mais agressivos, premeditam o crime, que surge associado a outros como o roubo. O agressor de ocasião é mais velho e usa a força, correspondendo mais ao estereótipo.



Vítimas têm dificuldade em admitir que são abusadas na intimidade

midade. Também há a questão do preconceito e do juízo moral, as pessoas culpabilizam-se e têm medo de ser julgadas", justifica o psicólogo da APAV, Daniel Cotrim.

Depois, existem também mulheres que acabam por encarar este tipo de violência "no quadro conjugal normal", acredita Jorge Gravanita. Além disso, "é mais difícil denunciar uma violação que partiu daquele que devia ser o garante da segurança da mulher, no quadro tradicional", diz o psicólogo clínico.

O especialista aconselha as mulheres a "definir perante si e os outros os seus limites de forma a defendê-los e a agir contra quem os atacar". Um método que pode ajudar as vítimas a perceber que estão a ser violadas pelos companheiros.

A seguir aos maus tratos físicos e psicológicos, a coacção sexual é a terceira forma de exercer do-

mínio sobre a mulher. Mas na generalidade dos países, o abuso sexual entre marido e mulher nem sequer é criminalizado na lei

Outras vezes, "a resignação às relações sexuais forçadas no contexto da violência doméstica surge também como forma de evitar mais agressões", refere Daniel Cotrim. O assessor técnico não esquece alguns dos desabafos das vítimas: "Eu cedia para ele me deixar em paz, para ficar mais calmo".

Os técnicos da APAV tentam "minimizar o efeito do trauma" e explicam os procedimentos a seguir. "Os vestígios - se a violação for recente - devem ser recolhidos e guardados num saco de papel e não de plástico como se vê nos filmes", exemplifica o responsável.

A APAV é uma das Organizações Não Governamentais (ONG) vocacionadas para apoiar as vítimas destes crimes, a par da UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta) e da Associação de Mulheres contra a Violência.

"Vulneráveis, frágeis, diminuídas e humilhadas", grande parte das vítimas não chega a denun-

Números da violência doméstica em 2008

43 mortes

• é o número de mulheres que, no ano passado, não resistiram às agressões dos companheiros e acabaram por morrer nas suas mãos, um número que duplicou em relação a 2007

18669 crimes

• registados pela APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) em 2008. Destes 90% correspondem a casos de violência doméstica

ciar os agressores, lamenta Daniel Cotrim.

Para não terem de lidar com a vergonha, os sentimentos de culpa e a exposição da sua intimidade perante a polícia e os tribunais, muitas mulheres preferem calar o sofrimento, vivendo sozinhas, e em silêncio, um trauma que fica para a vida. Com LUSA



reportagem

Exclusivo. Pela primeira vez, as duas irmãs violadas pelo pai ao longo de doze anos contam a sua história, na sequência dos 22 anos de prisão a que ele foi condenado. As memórias são duras, elas são franzinas, mas a vida continua. Ao lado da mãe e de um namorado

“A QUE FICAVA DE FORA JÁ SABIA: IA A SEGUIR”



ISALTINA
PADRÃO
texto



RODRIGO
CABRITA
fotos

É ali, no quarto onde, vezes sem conta, foram violadas pelo próprio pai desde os seis anos, que procuram enfrentar “aquela coisa horrível” que lhes aconteceu, da meninice à juventude. Raquel e Joana (chamemo-lhes assim, continuando a guardar a verdadeira identidade das vítimas) dormem ali, é ali que partilham segredos, é ali que ouvem música, é ali que lêem. É ali que elas fazem, afinal, tudo o que duas irmãs de 17 e 19 anos fazem habitualmente no compartimento mais íntimo da

la ajudá-lo [ao pai, a palavra que agora recusa pronunciar] a tratar dos cavalos e dos outros animais. Ele agarrou-me e, e...

Joana, a irmã mais velha



Joana lê no quarto onde foi abusada pelo pai e onde hoje dorme com a irmã. A mãe está sempre por perto. A Senhora de Fátima ouve-as

casa: o seu quarto. Mas elas não são duas irmãs quaisquer. E este não é um quarto normal, de uma casa normal, de uma família normal.

O quarto não era delas, mas sim dos pais, Cristina Lourenço e Carlos Correia. É o quarto onde Carlos lhes roubou a inocência tantas e tantas vezes, indiferente aos apelos das filhas para parar. Talvez por isso, ou por qualquer outra razão desconhecida, foi o espaço que pediram à mãe para passar a ser o delas. Cristina justifica que consentiu porque é o mais espaçoso (e é de facto) para fazer o que queriam: transformar os antigos beliches em duas camas de solteiro. Um pedido por detrás do qual não se sabe bem que razões estão. Falta de noção ou puro masoquismo, dirão uns; coragem

O que condenou o ‘monstro’ de Samora Correia

JOÃO BAPTISTA, Santarém

Em Samora Correia já é conhecido como o “monstro”, comparado ao austríaco Fritzl. O caso só foi conhecido no dia 2, com a leitura do acórdão pelo Tribunal de Benavente, que condenou Carlos Oliveira Correia, de 46 anos, de Samora Correia, a uma pena de 22 anos de prisão, no Estabelecimento Prisional do Montijo, por violação das duas filhas, que transformou em suas escravas sexuais durante 12 anos. O acórdão, a que o DN teve acesso, deu como

provado que, “desde meados de 1996 até ao dia 29 de Maio de 2008, o arguido violou repetidamente as próprias filhas. Levava-as para o quarto e forçava-as a terem relações sexuais. As filhas imploravam-lhe para que não lhe fizesse isso porque as magoava e provocava-lhes dores fortes, mas o arguido recorria à força para o fazer – imobilizava-lhes os braços e prendia-as contra a cama”, refere o tribunal. Foi dado ainda como provado que as violações começaram quando fi-

lhas tinham cinco e seis anos e duraram até terem 18 e 16 anos. Ao longo do tempo, “o arguido foi aumentando a frequência dos actos e passou a ter relações sexuais com uma a seguir à outra, nos mesmos dias e em períodos temporais consecutivos, satisfazendo os seus instintos libidinosos”. Numa ocasião, segundo o tribunal, “chegou a levar ambas as filhas para o quarto e violou-as ao mesmo tempo”. O acórdão refere que Carlos Correia “usava a força física para violar repetidamente as filhas, contra a von-

tade delas, usando-se da sua posição como pai e da circunstância de viverem todos na mesma casa – as vítimas não tinham força para travar os seus intentos, nem o denunciaram a terceiros, por medo e depois por vergonha. “As filhas do arguido fisicamente são baixas e de complexão franzina, aparentando idade inferior à real, e revelam personalidade insuficientemente estruturada, com ambivalência afectiva e baixa auto-estima”, refere o documento quanto à caracterização das duas vítimas.

Sublinha ainda que a mais nova apresenta acentuada imaturidade cognitiva e relacional com poucas estratégias de resolução de situações e idade mental inferior à biológica. Já a mais velha “revela deficiente capacidade de abstracção e conceptualização de ideias, com dificuldade em relatar cronologicamente os factos e deficiência cognitiva moderada”. Sobre o perfil do arguido, o tribunal afirma que “sempre revelou desajustamento na sua vida familiar, escolar, laboral e social, sofre de alcoolismo e dificuldade em aceitar normativos sociais”. Já efectuou desintoxicações na Unidade de Alcoo-



OMONSTRO DE AMSTETTEN

● Ao longo de 24 anos, Josef Fritzl, violou a filha Elisabeth, com quem tem sete filhos. Aos 18 anos foi fechada numa cave, em Amstetten, Áustria. Foi condenado a prisão perpétua



25 ANOS A VIOLAR A FILHA

● Em Itália, um homem foi detido por violar a filha, de 9 anos, e a ter em cativeiro num quarto sem luz durante 25. Detido foi ainda um dos filhos do homem a quem incitou a abusar da irmã



O "FRITZL" DE MARIQUITA

● Na Colômbia, Arcedio Alvarez, de 68 anos, foi acusado de violar durante 20 a filha Nidia, com quem tem oito filhos. Tudo começou quando Nidia tinha sete anos, e após a morte da mãe

para exorcizar os fantasmas do passado, opinarão outros.

Seja como for, é naquele espaço que falamos pela primeira vez desde que o seu pai foi condenado pelo crime, do pesadelo que teve início há 12 anos, de forma contínua e ininterrupta. Um segredo só delas, das duas manas, e que trancaram naquelas quatro paredes, partilhando-o apenas com os "habitantes" daquele mundo em tons terrivelmente infantis cor-de-rosa, que é só seu. Algo tão íntimo e embaraçante, só confessável à Sr.ª de Fátima que as vigia, dia e noite, do altar em que foi transformada a arca de madeira colocada junto à marquise, o local onde Joana (a mais velha) foi literalmente "encostada à parede" pelo pai pela última vez a 29 de Maio de 2008 (ver caixa). O segredo que a vizinha descobriu da janela da frente e denunciou à mãe e à polícia pôs fim ao pesadelo.

A primeira vez na quinta

Desde então, é ao golfinho, ao elefante de pelúcia, e ao cão plantado na mesinha-de-cabeceira das duas, que Joana e Raquel confessam o que viveram desde que começaram a "ser mulheres antes do tempo e à força". Joana abre uma excepção e conta ao DN, em poucas palavras e evitando o olhar da mãe, como perdeu a virgindade. Não da forma como sonhava ser e muito menos com quem sonhava. Muito antes sequer de ter a verdadeira noção do que isso era. Tinha seis anos, brincava na quinta para os lados de Alcochete, onde os pais eram caseiros. Na memória só guarda aquilo que antes lhe dava tanta alegria: "la ajudá-lo (ao pai, a palavra que agora recusa pronunciar) a tratar dos cavalos e dos outros animais. Ele agarrou-me e, e..."

As palavras, escolhidas a dedo, custam a sair. São ditas com o olhar fixo e as pernas bambas. Joana parece regressar ao dia em que Carlos Correia, hoje com 46 anos, "fez aquilo que não se faz a uma filha. Aquilo que devia fazer com a nossa mãe, que era a mulher dele". Num tom de voz baixo mas revoltado, diz que só

quer "esquecer tudo". "Porque foi muito mau, porque doeu, porque lhe pedi para parar e ele não parou, porque fiquei diferente das outras meninas, porque, porque... não quero falar mais sobre isso."

E, de repente, muda de conversa e prefere lembrar as amiguinhas da quinta, filhas do casal para quem os pais trabalharam como caseiros



Através da janela em frente, Maria viu a última violação

Vizinha assiste ao último acto "nojento" na marquise

Maria e Cristina fazem denúncia. O namorado diz que foi difícil beijar Joana

Foi a 29 de Maio do ano passado que terminou o pesadelo de Joana e Raquel. Pelas duas da tarde, Carlos levou a filha mais velha para a marquise do seu quarto e abusou dela mais uma vez, longe de saber que seria a última. Mas foi. Tudo acabou no momento em que uma vizinha da frente, Maria [nome fictício], assistiu, por acaso, "àquele despe-e-veste nojento" que conduziu à violação que não lhe sai da memória. "Seu porco, larga a miúda", gritou-lhe, mas sem sucesso. "Ao olhar para mim, parece que ainda lhe dou mais gozo abusar da filha", contou ao DN Maria, que alertou a mãe de Joana e de Raquel, e ambas foram fazer queixa à GNR. Cristina denunciou Carlos, mas só

quando começaram a viver juntos, após terem passado por outra quinta. "Elas eram nossas amigas." O sorriso, até agora tímido, forçado, rasga-se nos rostos das irmãs quando Joana recorda os baloiços da quinta onde as quatro meninas viviam a infância em pleno. Até ao dia em que o construtor desses mesmos baloiços violou a própria filha.



Através da janela em frente, Maria viu a última violação

acreditou verdadeiramente após a sentença dos exames médicos. "Eu não podia acreditar que ele era um monstro", desabafa. Também Miguel ficou furioso ao saber que a sua namorada era violada pelo pai. "Quando me contou, banhada em lágrimas, o que aconteceu naquele dia e durante anos, nem sei o que apeteceu fazer-lhe [a Carlos]", confessou ao DN, adiantando que a partir daí percebeu porque "foi tão difícil conseguir um primeiro beijo" da Joana. Ficou furioso, é certo, mas "sabia que ela não tinha culpa", e por isso continuaram o namoro iniciado a 21 de Maio, dias antes da última violação. Para Miguel, "não foi fácil engolir", mas gosta dela. E é compreensivo o suficiente para entender a dificuldade de Joana durante a intimidade: "Se o primeiro beijo foi complicado, a primeira vez nem se fala." ■

A esta altura da conversa, Miguel (nome fictício), até então calado, ergue a voz e o corpo do sofá da sala em defesa da namorada Joana, com quem está há 11 meses. E não esconde a raiva. "Ele sabe a toda, apesar de ser analfabeto, até baloiços fez para encobrir o que já andava a tramar sabe-se lá há quanto tempo." Joana garante que "na quinta só aconteceu uma vez, mas já essa foi demais". Uma só vez que a mãe das duas raparigas admitiu em tribunal ter presenciado. Mas ao DN negou, do início ao fim da longa conversa, saber que o companheiro violava as próprias filhas.

Violar as duas em simultâneo

"É verdade que ele mudou muito desde que, há mais ou menos dez anos, viemos viver para Samora Correia. Foi aqui que a nossa família acabou. Ele meteu-se nos copos, ficou desempregado [era calceteiro na Câmara de Benavente] e passava o dia de tasca em tasca. O resto do tempo estava em casa com as filhas. Mas daí a abusar das meninas, nunca imaginei", garante Cristina, de 39 anos. Enquanto a mãe, como que incomodada com o interrogatório, vai à cozinha controlar o frango que está a assar no forno, Joana continua a contar como tudo se passou anos a fio. Raquel, um ano e tal mais nova, limita-se a ouvir.

Primeiro foi na casa que os pais compraram no Bairro Arneiro dos Corvos (Samora Correia) e, de há dois anos para cá, no actual apartamento camarário que fica em frente do antigo, aquele que tiveram de abandonar porque os vários trabalhos de Cristina como empregada doméstica não foram suficientes para pagar a renda ao banco. Numa e noutra casa, a abordagem de Carlos pouco variava, como lembra Joana, num nervosismo denunciado pelo rodar do anel no dedo, magro como toda ela, sem parar: "Muitas vezes estávamos a ver televisão e ele chegava de ir passear o Óscar, largava o cão e chamava uma das duas para o quarto onde dormia com a mãe. Trancava porta. A que ficava de fora já sabia: ia a seguir."

O rosto rosado de Raquel fica estático com o relato da irmã, que, pausadamente e com o olhar no vazio continua a contar o que nunca contou a não ser em tribunal: "Ele despiu-se, eu despiu-me. Ele fazia o que lhe apetecia. Eu podia-lhe para parar mas ele não parava. Era assim até ficar satisfeito."

Só que, às vezes, Carlos parecia insaciável. E se a maior parte das vezes tinha relações sexuais com uma filha e só depois com a outra, houve situações em que violava as duas irmãs em simultâneo. Joana não consegue explicar a situação, mas, com as mãos a torcerem as calças de ganga, confirma que "sim, é verdade". Nessas alturas, olhavam uma para a outra, mas nada faziam "por medo da reacção dele".

Tudo começava no quarto e lá acabava. As duas irmãs nunca fala-

Ele chegava de ir passear o Óscar, largava o cão e chamava uma das duas para o quarto onde dormia com a mãe

Joana, a irmã mais velha

ram sobre o assunto. Nunca o assunto foi tema de conversa entre elas. Cada uma guardou para si o que lhe ia o íntimo e que ambas sabiam apenas pela troca de olhares. E que o medo do que lhes podia acontecer, a elas e à mãe, calou sempre.

Agora, juntas na mesma sala e no mesmo quarto, no tal quarto, confessam que o que sentem pelo pai é "muita raiva". As palavras são de Joana, mas Raquel confirma com a cabeça e diz que não se quer casar nem ter filhos. Não explica porquê e talvez não seja preciso. Joana, pelo contrário, gostaria de constituir família embora, confessa, seja assaltada constantemente por dúvidas: "Morro de medo que aconteça aos meus filhos o que me aconteceu." ►

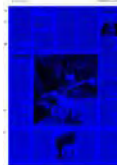


Carlos Oliveira Correia foi condenado no Tribunal de Benavente

logia de Lisboa e encontra-se a ser seguido desde a sua detenção pela Equipa de Tratamento do Barreiro do Instituto da Droga e Toxicodependência. Analfabeto, trabalhou na agricultura e como calceteiro, mas "nunca conseguiu manter uma relação laboral estável, estando muito tempo desempregado". Segundo o documento, Carlos Correia "passava a maior parte do tempo em casa, sozinho, ou a deambular pelas tasca, sendo socialmente notado como alcoólico e agressor das filhas e companheira, a qual pôs termo à relação depois do arguido ter sido detido". "É uma pessoa emocionalmente fria, incapaz

de empatia e de sentimentos de culpa, revela falta de consciência moral e de noção de ética", conclui o tribunal. A principal fonte de rendimento do agregado familiar era o salário da mulher e mãe, empregada doméstica. Com as declarações que prestou em audiência, o arguido confessou parcialmente os factos, reconhecendo ter mantido de forma habitual, regular e contínua relações de cópula vaginal com as suas duas filhas, mas sustentou que isso só acontecia de meses a meses. Atribui o seu comportamento ao alcoolismo. Quanto à mãe, o tribunal refere que "a sua companheira e mãe

das ofendidas sabia que ele mantinha relações sexuais com as filhas desde que viviam na quinta onde eram caseiros. Numa das ocasiões, até lhe foi buscar a filha XXX, quando esta tinha oito anos de idade". Ela, que agora o nega, confirmou em tribunal ter visto o seu companheiro manter relações sexuais com a filha X quando ela tinha seis anos, uma única vez, altura em que ela lhe pediu para não fazer isso e acreditou que ele não voltaria a fazê-lo. Mas o tribunal considerou "absolutamente inverosímil o alegado desconhecimento, porque se passou desde serem crianças até jovens, na casa onde viviam, de for-



► Ambas, franzinas e nervosas, aparentemente bem menos idade que a que têm, conhecem o caso de Fritz, o austríaco, "monstro de Amstetten", que violou a filha, manteve-a cativa anos a fio e teve com ela sete filhos. Joana diz que sabe que lhes podia ter acontecido o mesmo e acha que foi sorte nunca terem engravidado do próprio pai. Afinal, não havia qualquer cuidado. À pergunta se tomavam a pílula, o abanar de cabeça é negativo. E o mesmo gesto quando as questionamos se ele usava preservativo. Às vezes, Joana pensava nessa hipótese e "ficava cheia de medo". "Ainda bem que isso não aconteceu. Não seria normal ter filhos do meu pai".

Pais sem sexo

De volta da cozinha e à conversa, a mãe confessa que a vida sexual

Nunca desconfiei de nada porque eu também não queria estar com ele desde que se começou a embebedar e a bater-me Cristina, a mãe

entre ela e o companheiro tinha terminado há muito. "Nunca desconfiei de nada porque eu também não queria estar com ele desde que se começou a embebedar e a bater-me. E depois uma pessoa vem cansada do trabalho de manhã à noite e só quer que a deixem em paz." Carlos era sempre o primeiro a deitar-se, enquanto Cristina dormia "o primeiro sono no

sofá", agarrada às filhas, que, diz, "são a luz dos meus olhos".

Ao telemóvel, uma colega do trabalho de Cristina diz-lhe que a vida continua e que há que olhar para a frente. É o que tenta fazer, mesmo com as constantes ameaças da família de Carlos, para a casa de quem foram viver quando Cristina nem tinha ainda 18 anos. "Nessa altura era tudo um mar de rosas. E mesmo depois, quando o interneiro na psiquiatria e na unidade de alcoologia do Júlio de Matos, deu-me flores para agradecer o que tinha feito por ele, cabisbaixo." Hoje, Cristina diz que sabe que "tudo era falso". E repete constantemente que a vida continua.

A dela, de patroa em patroa, passando por um banco e por um lar. De manhã à noite, é empregada doméstica em vários locais para sustentar a família, agora com-

posta por três mulheres, que garantem que vivem muito melhor sozinhas. Joana e Raquel também ajudam nas despesas da casa com o que recebem de uma bolsa que inclui estágio profissional. Desde que o pai foi detido, e condenado a 22 anos de prisão, pelo que foi calculado em 3600 violações de cada uma das filhas (ver caixa acórdão do tribunal), Joana trabalha num lar de idosos e Raquel, numa cooperativa. Gostam do que fazem e esperam obter o curso e continuar a trabalhar lá.

Os momentos de lazer são passados com a melhor amiga: a mãe. Há ainda duas amigas em comum que sabem de tudo e "mesmo assim gostam de nós. São mesmo amigas, apesar de sabermos que somos diferentes delas". O resto é passado. Mas um passado ainda demasiado presente. ■

5 perguntas a...

Luísa Figueira

Vice-presidente Soc. Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental



"É pouco provável que a mãe não soubesse"

É normal uma mãe não saber que o companheiro viola as filhas ao longo de 12 anos?

Parece-me muito pouco provável que isso aconteça, num período de tempo tão prolongado. O mais verossímil é que a mãe não queira falar por ter medo do companheiro ou por querer protegê-lo. É claro que pode existir um mecanismo psicológico de negação, mas, geralmente, isso acontece em situações pontuais e muito traumáticas. Nesses casos, as crianças ou adolescentes escondem, com medo de represálias, que foram abusadas e a mãe pode não chegar a saber.

É natural duas irmãs que foram violadas pelo pai, algumas vezes em simultâneo, não falarem sobre o assunto entre elas?

Sim, é. A situação é altamente traumática e isso faz com que, por vezes, as vítimas optem pelo silêncio absoluto para esquecer.

Como se explica que sem protecção não tenha havido uma gravidez?

Quando as pessoas estão a viver uma tensão emocional associada à situação, pode acontecer. Há uma contracção dos músculos vaginais que dificulta a migração dos espermatozoides. Provavelmente, o abusador também interrompia o coito.

É natural a vítima arranjar um namorado?

Depende. Há quem fique com graves problemas de relacionamento sexual, e há quem supere.

E o namorado aceita?

Provavelmente ele assume que a culpa foi do pai e nunca da filha. Por isso aceita. ■

Ocultam abusos com medo de represálias

"Como é sabido, a maior parte dos abusos sexuais ocorrem no seio da família, uma situação muitas vezes oculta por medo de represálias", disse ao DN a vice-presidente da Associação Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental, Luísa Figueira. Também na opinião do psicólogo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Daniel Cotrim, "às vezes, a resignação às relações sexuais forçadas no contexto da violência doméstica surge como forma de evitar mais agressões". Isto acontece em relação a mulheres que são abusadas pelo companheiro, e às filhas que, para evitar maus tratos, não denunciam o pai.

317 abusos sexuais

foram denunciados em 2008, segundo o Relatório Anual de Segurança Interna. **Mais 12** do que em 2007

193 violações

foram registadas pela APAV, durante o ano passado. Destas, **132** estão relacionadas com violência doméstica

16 homens

foram detidos, desde o início deste ano, por estarem envolvidos em violações ou tentativas de violação

2 mulheres

em cada três que denunciam abusos sexuais à APAV, foram **violadas** pelos seus próprios companheiros



Viver um dia de cada vez.

Aos poucos, a vida volta ao normal na casa agora gerida pelas três mulheres. As trocas de mimos são uma constante, desde a partilha da lide doméstica às pequenas grandes lembranças. Da última prenda que Raquel lhe ofereceu pelo Natal, Joana recorda a dedicatória: "Mãe não saberia viver sem ti."

ma habitual e com regularidade — foi notória a sua tentativa de esconder a sua responsabilidade, por permissividade ou por simples indiferença e inércia". E sublinha que "os autos apenas vieram a lume porque a atitude de uma vizinha pôs termo ao silêncio das ofensas e despoletou a sua revelação".

As duas filhas, "com contenção", relataram ao tribunal os abusos a que foram sujeitas e o sofrimento que isso lhes causou "com aparente permissividade por parte da mãe", e o "embaraço que lhes causou relatá-los perante terceiros". Segundo o tribunal, "a credibilidade

de seu testemunho não é beliscada pelas declarações contraditórias do arguido". Foi no dia 29 de Maio de 2008, pelas 14 horas, que o arguido chamou a filha mais nova para a marquise do seu quarto e mesmo perante resistência dela a violou contra uma mesa. A cena foi presenciada por uma vizinha, que nesse mesmo dia contactou a mãe das crianças no trabalho e depois denunciou o caso às autoridades. Carlos Correia ficou em prisão preventiva, desde 19 de Junho de 2008, no Estabelecimento Prisional Regional do Montijo.

O tribunal sublinhou o "elevadíssimo



Detido na prisão do Montijo

simo grau de ilicitude da conduta do arguido e a gravidade das suas consequências para as vítimas, "caracterizando de forma negativa a personalidade do arguido e acentuando as exigências preventivas especiais, aparece a ausência de actos ou gestos demonstrativos de arrependimento dos factos praticados e de consternação pelas suas consequências para as vítimas, suas filhas". Na verdade, "o arguido transformou as suas duas filhas em escravas sexuais, utilizando-as para a satisfação da sua lascívia, a seu bel-prazer, desde as idades da pureza e da inocência", concluiu a

juíza presidente do Tribunal de Benavente, Manuela Pereira, na leitura do acórdão. O acórdão do Tribunal de Benavente condenou Carlos Correia a uma pena única de 22 anos de prisão, resultante do cúmulo jurídico das penas de sete anos de prisão por cada um dos dois crimes de abuso sexual de crianças, quatro anos de prisão por cada um dos dois crimes de abuso sexual de menores dependentes e oito anos de prisão por cada um dos dois crimes de violação. A advogada oficiosa de defesa Cristina Bastos Ribeiro anunciou que está a estudar a hipótese de recorrer do acórdão. ■



CRIMES SEXUAIS

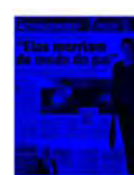
Mulheres violadas pelos companheiros

♦ Duas em cada três violações denunciadas à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) em 2008 foram cometidas pelos próprios companheiros das vítimas, mas este crime raramente é reconhecido. Quando as mulheres se queixam de violência doméstica, mais tarde ou mais cedo o técnico que as está a acompanhar acaba por perguntar se foram obrigadas a ter relações sexuais, explica Daniel Cotrim.

Apesar de acontecer com alguma frequência, a maioria das mulheres não encara as relações sexuais forçadas pelo companheiro como uma violação: "Para elas, faz parte da relação entre o marido e a mulher. Só se apercebem disto a partir do momento em que esta realidade é consciencializada". Foram registadas no ano passado 193 denúncias de violação, das quais 132 relacionadas com a violência doméstica.

Jovens vítimas

A Lusa divulgou ontem que sessenta por cento das perícias sexuais feitas pelo Instituto Nacional de Medicina Legal em 2008 diziam respeito a menores de 14 anos, segundo dados deste organismo. Foram realizados 827 exames a vítimas de crimes sexuais, 522 dos quais a crianças com menos de 14 anos, 112 a adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e 16 anos e 193 a pessoas com mais de 16 anos.■



'MONSTRO DE BENAVENTE'



BENAVENTE ■ ASSOCIAÇÃO DE CATALINA PESTANA PROMETE APOIO

“Elas morriam de medo do pai”

■ Namorado de uma das irmãs de Samora Correia violadas pelo pai, durante doze anos, conta ao **CM** como descobriu tudo e quer ajudar 'Ana'

● JOÃO NUNO PEPINO/
/ANA LUÍSA NASCIMENTO

Elas morriam de medo. Não só por elas, mas pelo que ele podia fazer à mãe”, recordou ontem ao **CM** o namorado de 'Ana', hoje com 19 anos, a mais velha das duas irmãs que ao longo de doze anos foram violadas e feitas escravas sexuais do pai, em Samora Correia, Benavente. Depois de o **CM** ter avançado ontem o abandono das jovens por parte de psicólogas da Segurança Social, uma situação denunciada pela mãe das vítimas, a Associação Rede de Cuidadores, fundada por Catalina Pestana para apoiar e acolher crianças em risco, manifestou-se pronta para ajudar as irmãs.

O psiquiatra Álvaro de Carvalho, que preside à Associação, ficou indignado com as explicações do presidente do Instituto da Segurança Social, Edmundo Martinho, e critica a “leveza” com que o caso foi tratado (**ver discurso directo**).

A associação tem mais de 150 associados, com núcleos constituídos por técnicos voluntários em todo o País, incluindo ilhas, e presta



■ **Namoro.** 'Bernardo' pediu 'Ana' em namoro dias depois de a conhecer, no posto da internet do Palácio do Infantado, S. Correia

apoio a crianças em risco. Sobre o caso do 'monstro de Benavente', a Rede está disponível para colaborar com a Segurança Social, designadamente no apoio aos técnicos que a curto prazo espera que voltem a acompanhar as duas irmãs.

Entretanto, o namorado da mais velha conta que “no início, foi muito custoso, mas tivemos uma conversa franca e ela abriu-se comigo”, explica 'Bernardo', de 22 anos, afir-

mando “gostar muito” da namorada e estar disposto a “fazer tudo para a ajudar a superar a situação”.

'Ana' namorava há poucos dias quando foi vítima do pai pela última vez. A violação foi testemunhada por uma vizinha, a partir da marquise da sua casa, e o pedófilo foi denunciado à polícia. Cumpre agora 22 anos de cadeia.

A jovem está a recuperar “dentro do possível”, diz Bernardo

'Bernardo' nada sabia, mas, ao princípio, notava “qualquer coisa estranha”, porque a jovem era “muito fechada” e “foi muito difícil dar-lhe o primeiro beijo”. Descreve a namorada como “uma moça muito bonita”, de quem gostou “logo”, e agora só quer ajudá-la. ■

DISCURSO DIRECTO

ÁLVARO CARVALHO Psiquiatra e pres. Rede de Cuidadores

“Estamos disponíveis para ajudar”



Correio da Manhã – A Segurança Social não está preparada para apoiar vítimas de abusos?

Álvaro de Carvalho – Estão a montar uma estrutura séria e responsável quanto à formação, mas, por muito que o dr. Edmundo Martinho tenha feito, neste âmbito parece-me estar a fazer uma avaliação superficial, o que é normal por não ser técnico.

– **Como se explica a falta**

de apoios às irmãs de Benavente?

– Fizeram aquilo que estava à mão, mas não é suficiente. Enquanto psiquiatra preocupa-me a aparente leveza com que se tratou este assunto.

– **A Rede de Cuidadores vai ajudar?**

– Daremos o apoio necessário, se a Segurança Social aceitar, psicológico e de acompanhamento a terapêuticas que seguirem as raparigas. Deve haver um técnico com formação certa para cada uma, não um para duas.

– **E a mãe deve ser acompanhada?**

– É preciso dar apoio às duas vítimas, mas também à mãe. É muito importante estruturar o apoio familiar.

– **A Rede de Cuidadores já acompanhou algum caso como este?**

– Não, mas já intervimos em alguns casos. Estes casos são felizmente pouco frequentes.

– **Mas a maioria dos abusos não acontece no seio da família?**

– São esses os mais frequentes, mas não temos números rigorosos porque as coisas são escondidas. ■ A.L.N.



VIOLAÇÃO | "REPUGNÂNCIA"

Segundo a mãe das vítimas, "as meninas ainda têm muita dificuldade em falar sobre o que ele [o pai] lhes fazia. Sentem muita repugnância e preferem tentar esquecer o que aconteceu"



CADEIA | NÃO VÃO VISITAR O PAI

"As minhas filhas sentiram um alívio enorme quando o pai foi preso", diz. Em casa, mãe e filhas recusam pronunciar o nome do pedófilo e não têm intenção de o visitar na cadeia

ABUSADOR | VIOLENTO E ALCOÓLICO

O comportamento violento do homem, alcoólico, de 46 anos, que agredia a mulher com frequência, é a principal explicação para as vítimas não terem denunciado os abusos sexuais

🔍 PORMENORES

● FAZ HOJE 11 MESES

O namoro completa hoje 11 meses. Desde o dia em que 'Bernardo' viu a jovem no caminho de regresso da escola passou algum tempo, mas depois ganhou coragem para se "ir meter com ela".

● CONVERSA

"Ao princípio, não me deu grande conversa, mas depois foi ganhando confiança quando percebi que as minhas intenções eram boas", recorda o jovem ao CM.

● ABUSOS

A mãe das jovens, de 39 anos, jura "por tudo o que há de sagrado" que não soube dos abusos. Caso contrário, "faria queixa de imediato" do marido.

■ Catalina.

A ex-provedora da Casa Pia fundou a Associação Rede de Cuidadores, que está disposta a compensar falhas do Estado e ajudar vítimas de Benavente

Casos continuados

● Em 79,8% dos casos, os abusos sexuais registados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) são continuados, em média, durante dois ou três anos. ■ J.C.R.



Apoio à Vítima

963 denúncias à APAV em oito anos

● De acordo com a APAV, entre 2000 e 2007 foram registados 185 casos de violação e 433 de abusos sexuais sobre crianças levados a cabo por familiares ou em contexto

doméstico. Quase todos os 618 casos ocorreram na casa onde agressor e vítima coabitavam. No mesmo período registou-se mais 345 casos do género fora de casa. ■ J.C.R.

TRAGÉDIA BATEU À PORTA DE CASAL DE HOMOSSEXUAIS

Louco de ciúmes matou o namorado

Baleou o companheiro, amordaçou-o e voltou a disparar. Depois ligou para o INEM a dizer que o tinha encontrado assim. A PJ não acreditou e acusa-o do crime

HERNÂNDEZ DA CUNHA/IN



A Polícia Judiciária esteve ontem no local do crime a recolher vestígios

Texto • Sónia Simões
sonia.simoes@24horas.com.pt

O assassino aproximou-se do companheiro e, cego de ciúmes, disparou em direcção à cabeça. De seguida o agressor, de 43 anos, amarrava-lhe as mãos e tapava-lhe a boca com fita adesiva. Para assegurar que a vítima morria, ainda repetiu o disparo. É assim que a polícia recons-

titui o crime. Só depois o suspeito telefonou ao INEM com uma versão que, horas depois, seria desmontada pela PJ de Coimbra.

Macabro. Foi desta forma que uma fonte dos bombeiros de Pombal descreveu ontem ao 24horas o cenário do crime para o qual foi chamada perto da 1h00, na localidade de Carriço.

À porta da vivenda, o ca-

dáver de José, 36 anos, estava coberto de sangue. As mãos amarradas e a boca fechada por fita adesiva. A PJ acredita que tenha sido baleado na cabeça "para morrer", depois amarrado e novamente baleado.

No local, o companheiro, manobrador de máquinas, contou às autoridades que vivia com a vítima. "Disse que ouviu um barulho e quando

chegou lá fora encontrou o companheiro naquele estado", disse ao 24horas fonte da PJ. Não foi preciso muito tempo para a versão do suspeito ser desmentida. "Pendente os indícios, acabou por dizer onde tinha escondido a arma, uma 6,35 mm, com a qual cometera o crime", adiantou.

O suspeito foi detido e será hoje presente a tribunal. A PJ

factos



APAV. A Associação de Apoio à Vítima já tentou recolher testemunhos de homossexuais vítimas de violência doméstica. Dada a dificuldade, em colaboração com a Ilga, lançou uma campanha: "Violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo é crime", apela o folheto informativo. "Grite pelos seus direitos", diz a frase por cima de uma fotografia de duas mulheres, uma delas com visíveis nódos negros.

ESPANHA. O Governo espanhol aprovou em 2005 o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Esta semana registou-se naquele país o primeiro caso de violência entre um casal de homossexuais. Um homem de 34 anos foi esfaqueado até à morte pelo companheiro.

acredita que tenha assassinado o companheiro por ciúmes de "uma terceira pessoa que se calhar nem existia".

Mulher abandonou-o

Suspeito e vítima não tinham antecedentes criminais. Partilhavam, há já alguns meses, a vivenda que José construiu para viver com a mulher. "Ela separou-se dele quando descobriu que era homossexual", disse ao 24horas uma ex-colega da vítima.

Pouco depois do divórcio José despediu-se da oficina onde trabalhou vários anos. Ainda explorou um café na zona da Guia, mas nos últimos dois anos dedicava-se a trabalhos precários. "Teve alguns relacionamentos e estava agora com este senhor da Figueira da Foz", adiantou a mesma fonte que o conhecia desde a infância.

A PJ esteve ontem a recolher vestígios no local. ■

Hoje, durante a tarde

Instituições de apoio a vítimas de violência doméstica recebem donativos

Dez instituições de apoio às vítimas da violência doméstica recebem hoje os donativos que atribuídos com base nas receitas do Bazar Diplomático de 2008.

De acordo com uma nota da Presidência da República, os organizadores do Bazar Diplomático 2008, bem como as instituições de apoio às vítimas da violência doméstica que vão receber os donativos atribuídos com base nas receitas do Bazar irão ser recebidos pela mulher do Presidente da República, Maria Cavaco Silva, a meio da tarde.

Ainda segundo a Presidência da República são dez

as instituições de apoio às vítimas de violência doméstica, de todo o país, que vão beneficiar dos donativos a serem atribuídos em resultado da realização do Bazar Diplomático, promovido pela Associação dos Cônjuges dos Diplomatas Portugueses e que contou com o apoio de Maria Cavaco Silva. As instituições beneficiárias são: Associação de Mulheres Contra a Violência Doméstica, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Associação Criança e Vida, Casa Abrigo Vera Vida, Centro de Apoio à Mulher de Ponta Delgada, Centro Jovem Tabor, Conferência S. João Baptista de Alhandra, Fundação "O Século", Lar do Divino Salvador e Refúgio Aboim Ascensão.



Na cerimónia que se irá realizar no Palácio de Belém estarão presentes os organizadores do Bazar, representantes das instituições de apoio às vítimas de violência doméstica, embaixadores, embaixatrizes e outros responsáveis ligados a esta questão.

O Bazar Diplomático reúne artigos recolhidos nas representações diplomáticas portuguesas espalhadas pelo mundo, bem como outros oferecidos por empresas, que são depois vendidos, revertendo as receitas para instituições de solidariedade social.



ID: 24771954

23-04-2009

POMBAL ■ AMANTE EXECUTOU-O COM DOIS TIROS POR CIÚMES DE OUTROS HOMENS

Noite gay foi fatal

■ José frequentava bares de Lisboa, onde "todos lhe queriam pagar um copo", diz um amigo

● FRANCISCO PEDRO

As habituais deslocações de José do Carmo a bares de Lisboa, frequentados por muitos homossexuais, terão ajudado a destruir a relação que mantinha com Paulo, o homem que o executou com dois tiros, na madrugada de terça-feira, em Carriço, Pombal.

A vítima, que foi amarrada e amordaçada, "gostava de conviver com os amigos em bares como o Maxime ou o Finalmente, onde era sempre muito bem recebido". O companheiro, Paulo Figueiredo, consumia-se de ciúmes com as suas saídas e matou-o. Segundo um conhecido da vítima, esta instabilidade emocional ajudou a deteriorar a relação. "O Zezito era muito querido e todos lhe queriam pagar um copo quando vinha a Lisboa. Mas ultimamente andava um pouco triste. Dizia que era dos problemas lá em casa", conta ao CM.

Introvertido, José, de 37 anos, nunca chegou a verbalizar as suas preocupações. Ficaram a conhecer-se na madrugada de terça-feira. Paulo Figueiredo, de 43 anos, não suportou a ideia de ver o companheiro com outros homens e matou-o a tiro, quando chegava do trabalho, num cenário de extrema violência. De resto, o aumento da violência doméstica entre homos-



Paulo Figueiredo vai aguardar julgamento em prisão preventiva por decisão do Tribunal de Pombal

APONTAMENTOS

FUNERAL

A missa de corpo presente em honra de José do Carmo realiza-se hoje, às 11h00, na Capela de S. Miguel, em Matas, Louriçal. O corpo será sepultado no cemitério local.

PRESO

Paulo Figueiredo foi ouvido ontem por um juiz de instrução criminal do Tribunal de Pombal. Ao final da tarde recolheu à cadeia, onde irá aguardar julgamento em prisão preventiva.

CAMPANHA

A APAV tem em curso uma campanha de sensibilização para denúncia de violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo. Queixa pode ser feita por telefone ou e-mail.

sexuais é uma das preocupações da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e das associações representativas de lésbicas e homossexuais. "A questão já existia, tal como alertamos há uns anos, está a tornar-se mais visível", afirma António Serzedelo, presidente da Opus Gay.

Sem estudos que permitam avaliar a dimensão do problema, Paulo Corte Real, da Ilga Portugal, alerta para outra questão: "Há uma dificuldade acrescida na denúncia destes casos, por medo da reacção no momento da queixa." ■



Prisão preventiva para homicida homossexual

Crime passionai. A violência em casais do mesmo sexo é tão frequente como a violência em relacionamentos entre pessoas de sexo diferente. Mas os homossexuais estão mais sujeitos à chantagem psicológica, diz a APPAV

■ LICÍNIO LIMA

Paulo Miguel Leitão, suspeito de, na terça-feira, ter morto a tiro José Fernandes do Carmo, com quem vivia uma relação homossexual, vai ficar a aguardar julgamento em prisão preventiva. A decisão foi ontem conhecida depois do presumível homicida ter sido presente ao juiz de instrução criminal do Tribunal de Pombal. Ao mesmo tempo, a vítima era autopsiada no Instituto de Medicina Legal.

Este homicídio, ocorrido na freguesia do Carriço, concelho de Pombal, com contornos bastante violentos, veio chamar à atenção para a violência doméstica entre os casais homossexuais.

Gabriel (nome fictício) vive entre o desejo de abandonar o companheiro, com quem reside há quatro anos, e o medo de que ele surja no seu trabalho a apregoar a orientação sexual de ambos. "Sou confrontado com essa ameaça sempre que dou a entender que quero ir embora", confessou ao DN.

Trata-se de um tipo de violência doméstica específica dos casais homossexuais, reconhece a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APPAV), frisando, no entanto, que "a violência em casais do mesmo sexo é tão frequente como a violência em relacionamentos entre pessoas de sexo diferente".

"Se um dos parceiros não reve-



A residência do casal, em Pombal, onde teve lugar o crime

lou a sua homossexualidade no seio da sua família, rede de amigos ou no trabalho, o agressor pode utilizar a ameaça de o denunciar como gay ou lésbica como um poderoso instrumento de controlo e de intimidação da vítima", explica a APPAV.



A vítima, José Carmo

Perante esta realidade, Sérgio Vitorino, das Panteras Rosas, alerta para a necessidade de serem criadas condições que desinibam as vítimas de apresentar queixa. "A lei já prevê essa possibilidade, mas é preciso mudar as mentalidades dos agentes das forças de segurança", disse ao DN. ■ Com P.C.

Casas-abrigo para as vítimas

A existência de casas-abrigo para as vítimas de violência doméstica ocorrida nos casais homossexuais é uma urgência defendida por Paulo Côrte-Real, da Associação IL-GA Portugal, frisando que as pessoas com aquela orientação sexual têm também de ser protegidas. Mas adverte que essa necessidade abrange igualmente os filhos dos casais heterossexuais que são alvo de violência dos pais por terem revelado a sua orientação sexual. Conforme explicou, a violência doméstica é muito mais abrangente do que a que se regista entre os casais. Há também os filhos.



Prisão para suspeito de matar companheiro

● O homem de 43 anos que antontem terá matado o seu companheiro com dois tiros vai ficar em prisão preventiva. A decisão foi tomada ontem à tarde pelo juiz de instrução do Tribunal de Pombal que ouviu o suspeito. Tudo aconteceu na madrugada de antontem, em Carriço, Pombal, quando o arguido, manobrador de máquinas, terá prendido o companheiro com cordas e tapado a sua boca para que não gritasse. Depois terá disparado dois tiros de uma pistola de calibre 6,35 mm, entretanto recuperada pela PJ. Em Portugal não há estatísticas sobre a violência doméstica em casais homossexuais. Mas um estudo da Universidade do Minho, realizado em 2004, aponta para que os níveis de violência são próximos dos registados nos casais heterossexuais.

Como os universos são muito diferentes não é de estranhar que João Paulo, presidente da associação Portugal Gay, não se recorde de mais nenhum caso em que a violência doméstica tenha resultado em morte. Mesmo assim alerta: “Os casos são muito mais silenciados.” E acrescenta: “Chegar a uma esquadra, dizer que fomos agredidos por alguém do mesmo sexo, que é nosso companheiro, é muito complicado. A polícia não está preparado para lidar com estas situações”, sustenta o dirigente.

Rosa Saavedra, da APAV, acredita que as coisas têm evoluído, mas sabe que a “vergonha e o medo continuam a ser aliados da não denúncia”. Por isso a APAV juntou-se à ILGA Portugal e em Janeiro lançaram uma campanha para alertar as vítimas homossexuais de violência doméstica para os seus direitos. “Uma das particularidades desta violência é utilizar a revelação da orientação sexual como ameaça”, explica Corte-Real, da ILGA. “Se o parceiro não revelou a sua homossexualidade à família, aos amigos ou no trabalho, o agressor pode utilizar a ameaça de o denunciar como intimidação”, completa. **M.O.**

ALMEIRIM ■ MOTIVADO PELOS CIÚMES, AMEAÇOU QUEIMÁ-LA COM UM CIGARRO

Agrediu a mulher numa biblioteca

■ Um funcionário da Câmara, aparentando estar alcoolizado, invadiu as instalações e praticou o crime à frente de crianças e idosos até chegar a GNR

● JOÃO NUNO PEPINO

Um funcionário da Câmara de Almeirim foi detido pela GNR em flagrante delito a agredir a mulher no interior da biblioteca municipal, onde trabalha a vítima. O crime de violência doméstica foi presenciado por crianças e idosos da Universidade da Terceira Idade de Almeirim, que participavam em actividades comemorativas do Dia Mundial do Livro.

O agressor, de 43 anos, estaria bastante alcoolizado quando se dirigiu à biblioteca, na quinta-feira, pelas 17h30. Começou por humilhar a mulher com palavras, empurrou-a várias vezes e ameaçou queimar-lhe a cara com um cigarro. "Ele estava completamente alterado, parecia capaz de a matar", referiu ontem uma testemunha.

O marido da vítima, funcionário da secção de obras da autarquia, "anda desconfiado de que ela tenha uma relação extraconjugal e reagiu da pior forma", acrescentou a mesma fonte, pedindo para não ser identificada. Como o quartel da GNR se situa apenas a cem metros da biblioteca municipal, uma patrulha deslocou-se de imediato ao local e deteve o agressor.

Os militares já tinham sido chamados de manhã, pelas 09h30, às instalações da Câmara, porque o funcionário estava no seu posto de trabalho a ameaçar os colegas, sem motivo aparente. Mas, na altura, ninguém previu que fosse agredir a mulher.

"Nenhum funcionário da autarquia, por mais problemas que tenha, pode proceder desta forma", disse o vereador José Carlos Silva, adiantando que a Câmara pondera

Câmara pondera abrir um processo disciplinar ao funcionário



A agressão aconteceu na Biblioteca de Almeirim, perante crianças e idosos que comemoravam o Dia do Livro

abrir um processo disciplinar. "Estou à espera de que me chegue o relatório da responsável pela biblioteca para falar com o presidente e vermos qual será o próximo passo a dar", explicou.

A vítima recusou receber assistência médica e ainda participou numa peça de teatro antes de ir ao posto da GNR formalizar a queixa contra o marido. Segundo

uma fonte da GNR, a mulher, de 40 anos, também funcionária do município, já tinha apresentado uma queixa contra o marido, em Novembro de 2008, quando ele a perseguiu e agrediu. ■

🔍 PORMENORES

● NOVE MIL CASOS

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima registou, em 2008, 10 001 queixas de violência – 90% foram de violência doméstica. As mulheres são as principais vítimas.

● PERFIL DO AGRESSOR

Os agressores acham-se donos das vítimas, porque as escolheram. A mulher é encarada como um objecto de desejo e de posse. São de todas as idades e classes sociais e não há um perfil exacto.

Casal separado há um ano ainda se encontra

● O casal encontra-se separado há um ano, mas ainda não está divorciado e continuaria a encontrar-se com regularidade. A mulher vive com a filha adolescente e o marido co-habita com a sogra. Segundo quem o conhece, o agressor é "bastante ciumento". A funcionária trabalhava no departamento de Acção Social da Câmara antes de ser transferida para a biblioteca, há menos de dois meses. O agressor foi constituído arguido pelo Tribunal de Almeirim e está proibido de contactar a mulher e de se aproximar da sua casa ou do local de trabalho. ■



Jovem violada na rua após um concerto

Lisboa. Jovem de 23 anos conheceu um homem de 31 anos numa festa, que insistiu em levá-la a casa contra a sua vontade. Violou-a. A vítima apresentou queixa e o agressor já foi detido

■ ISALTINA PADRÃO

Ana [nome fictício] tem 23 anos e, como a maioria dos jovens da sua idade, gosta de se divertir. No domingo à noite preparava-se para fazer isso mesmo ao decidir ir a um concerto num espaço na zona do Castelo de São Jorge, em Lisboa. No regresso a casa, pelas 02.30 de segunda, foi agarrada à força e violada na rua por um homem de 31 anos que conheceu na festa e que insistiu em acompanhá-la contra a sua vontade.

Ana fez de imediato uma denúncia na esquadra da PSP local. "Teve a atitude correcta", segundo um psicólogo da Associação de

Apoio à Vítima (APAV). A PJ, que tomou conta da ocorrência, acabou por deter o alegado violador, que ficou em prisão preventiva, após ter sido ontem presente a interrogatório no Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) de Lisboa.

Fonte da Directoria de Lisboa e Vale do Tejo da PJ disse ao DN que o arguido, trabalhador na construção civil e sem antecedentes criminais, "insistiu em acompanhar a vítima a casa contra a sua vontade e, já a caminho, usou de força física para a obrigar à prática de diversos actos de natureza sexual". Segundo a mesma fonte, é "frequente que muitos dos crimes de cariz sexual ocorram na rua, sobretudo durante a noite, quando há pouca gente para poder testemunhar o acto".

Daniel Cotrim, psicólogo da APAV, tem a mesma percepção e uma justificação para as abordagens na rua. Ao DN, disse que "estas situações são muito frequentes, sobretudo em relacionamentos esporádicos, como este de conhecer alguém numa festa. Os agressores optam por atacar na rua porque não têm nenhum relacionamento com a vítima para a levar seja para onde for. Além disso, a rua protege a sua identidade, uma vez que dificilmente serão encontrados vestígios do acto".

Relativamente às saídas noc-



Autoridades alertam para saídas à noite que podem acabar mal

Sempre atento ao que se passa à volta

• **Informação** As autoridades aconselham a que os jovens devem sempre informar amigos das saídas. Para onde vão e com quem, sobretudo se vão ter com grupos ou pessoas que mal conhecem.

• **Alerta** É preciso estar atento ao comportamento dos que nos rodeiam. Não aceitar bebidas de quem não conhece e nunca largar o copo, para evitar que alguém coloque droga na bebida.

turnas sem ser acompanhado, Daniel Cotrim diz que é "natural e até saudável que um rapaz ou uma rapariga saiam sozinhos se assim o desejarem".

317 violações

denunciadas em 2008, diz o Relatório de Segurança Interna. Mais 12 que em 2007

Para o psicólogo, é mesmo "fundamental que as pessoas não se coíbam da sua liberdade pessoal. O importante é estar sempre atento ao que se passa à nossa volta e tomar certos cuidados para nos

protegermos (ver caixa)".

Relativamente às vítimas, sobretudo se são jovens como a recém-licenciada Ana, Daniel Cotrim, diz que um acontecimento destes na sua vida pode deixar sequelas graves, mas que estas podem ser atenuadas com acompanhamento psicológico.

Segundo o psicólogo da APAV, "numa primeira fase, fica um sentimento de pânico, vergonha e insegurança. Depois, e se a vítima não for bem acompanhada, poderá sofrer de stress pós-traumático. A sua autodeterminação sexual poderá ficar afectada, mas com apoio, a jovem poderá vir a ter relacionamentos saudáveis". ■



ID: 24879861

30-04-2009

Mulher do “Monstro de Samora Correia”: “Quero que ele **nunca mais** saia da prisão”

“Fui ter com ela à cadeia e chamei-lhe tudo o que me veio à cabeça...”

A mãe das duas jovens violadas pelo pai durante 12 anos só soube de toda a verdade “à medida que recebia as cartas do tribunal”. As filhas, hoje com 19 e 17 anos, “fechavam-se em copas”. Diz a mulher que, quando soube de tudo, “foi ter com ele à prisão – já estava em preventiva – e nem o deixou falar. Chamei-lhe tudo, menos pai...”.

Alice (nome fictício), viveu 23 anos em união de facto com este homem. Recorda que “nunca detectou nada de anormal” no marido, embora lembrando que o comportamento do companheiro se alterou quando mudaram de casa, há nove anos: “deixámos a quinta onde trabalhávamos e viemos para Benavente. Desde então começou a beber e quando foi despedido ficou muito alterado”. Quando se excedia na quantidade de álcool “tornava-se violento”. Era Alice que trabalhava horas a fio para sustentar a casa, o marido e as filhas, pois “ele começou a ficar o tempo todo em casa”.

“Os rendimentos eram poucos e, por isso, perdemos a casa, pois com o que ganhava não a conseguia pagar”. “Alice” foi à Câmara Municipal de Benavente pedir uma residência camarária, onde reside até hoje com as filhas.

“As miúdas não deixaram esca-

par nada”

Quando as jovens regressavam da escola, iam para casa, onde ficavam com o pai. Nas ocasiões em que Alice percebia que o companheiro “estava alterado”, pedia às filhas para esperarem por ela na casa de uma pessoa amiga. “Para irmos as três para casa”, justifica a mulher. “Absorta no trabalho, nunca me apercebi de nada e as miúdas nunca deixaram escapar nada, para pena minha”. Se, em sonhos, suspeitasse do que se passava tinha acabado com aquilo na hora”.

Quando Alice soube, em Maio do ano passado, já tinham passado anos. Foi uma vizinha que a alertou: “Da sua varanda, aquela senhora viu o pai a abusar de uma das filhas e foi ter comigo ao trabalho”. Ainda hoje Alice recorda das palavras da vizinha: “Antes de me contar o que se tinha passado já me estava a pedir para acreditar nela e estava muito desesperada”.

Alice saiu do trabalho, foi buscar a filha e foram para casa. “Perguntei à minha filha se aquilo era verdade e ela não negou. Confrontei o meu marido e ele acabou por dizer que era verdade. Saí directa para a polícia onde apresentei queixa”. Alice diz que só regressou a casa quando, em Maio de 2008, o companheiro ficou preso preventivamente. “Ficámos na casa de uma pessoa amiga até ele ser ouvido pelo tribunal e



O violador está detido na cadeia do Montijo, sob fortes medidas de segurança par evitar retaliações por parte dos outros detidos

depois ficar preso”, refere Alice.

Uma não sabia da outra

À mãe, a filha nunca se abriu. Pelo contrário, à polícia não omitiu nada e foi assim que a progenitora soube que a filha tinha sido violada

pelo pai durante 12 anos: “Chorava em todo o lado”. Para despistar todas as dúvidas, “pediram para falar com a minha outra filha, a mais nova, que acabou por confirmar o mesmo. Os testes não mentiram”.

As irmãs nunca tinham desabafado uma com outra, vivendo na ilusão de que só uma era vítima do pai. A mãe diz que nunca transpuseram qualquer desconforto para com o pai, recordando que “quando ele esteve internado no Júlio de Matos, na ala de Psiquiatria, eram elas que pediam para ir visitá-lo”.

O homem, conhecido como o “monstro de Samora Correia” foi condenado a 22 anos de prisão: “Sinto-me aliviada”, declarou Alice. As filhas não falam do assunto e a mãe não quer recordar o sofrimento. A filha mais velha namora há 11 meses “com uma pessoa que a tem apoiado muito”, confirma. A mais nova “continua muito retraída, mas vejo-as com muita vontade, mais sorridentes e libertas”. Nenhuma delas foi, ou pretende ir visitar o homem que está preso no Montijo. “Só queremos continuar a nossa vida e vivê-la o mais normal possível”.

As duas jovens recebiam apoio psicológico na escola que frequentavam, uma vez por semana, “mas uma pessoa conseguiu que a Associação de Apoio à Vítima (APAV) de Santarém as ajudasse”.

Para rematar “este assunto”, a mãe e as filhas só pedem paz e Alice acrescenta: “Espero que ele nunca mais saia da prisão. Se sair, vai ser o horror”.

Liliana Fernandes